



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

LUIZA MARQUES PEREIRA

**Podcast “Admirável Sexo Novo”**

Florianópolis  
2023

Luiza Marques Pereira

## **Podcast “Admirável Sexo Novo”**

### RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, professor Fernando Crocomo. Orientadora: Prof. Isabel Colucci Coelho.

Florianópolis  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, Luiza Marques  
Podcast "Admirável Sexo Novo" / Luiza Marques Pereira ;  
orientadora, Isabel Colucci Coelho, 2023.  
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Sexualidade feminina. 3. Estudos de  
gênero. 4. Podcast. 5. Jornalismo. I. Coelho, Isabel  
Colucci. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Luiza Marques Pereira  
**Podcast “Admirável Sexo Novo”**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 11 de agosto de 2023.

---

Prof<sup>a</sup>. Valentina da Silva Nunes, Dra.  
Coordenadora do Curso de Jornalismo

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Isabel Colucci Coelho, Dra.  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup> Daiane Bertasso Ribeiro, Dra.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Priscila Ribeiro dos Santos Jansen  
Avaliadora  
Jornalista

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, cujo apoio foi fundamental para que eu conseguisse cursar e concluir minha jornada de graduação. Ao curso de Jornalismo pela estrutura fornecida, e aos professores e colegas pelos conhecimentos e momentos compartilhados ao longo destes cinco anos.

À minha família, que sempre celebra minhas conquistas junto comigo. Aos meus amigos, espalhados por diversas cidades do Brasil, que me ouviram e me aconselharam com paciência incontáveis vezes e com quem sempre compartilho os melhores momentos. Em especial, à Luana Beatriz dos Santos, colega de curso e amiga, que foi minha dupla em diversos trabalhos e que me ajudou muito neste aqui também.

Agradeço, também, à banca examinadora deste trabalho, pela consideração de avaliá-lo com cuidado e atenção. Por último, agradeço à professora Isabel Colucci Coelho pela orientação imprescindível para que este trabalho acontecesse.

## RESUMO

Com o avanço de movimentos como o feminismo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, fica cada vez mais presente a discussão sobre direitos das mulheres, inclusive sobre o próprio corpo, o próprio prazer e a própria sexualidade. No entanto, quando se trata do discurso público fora de ambientes acadêmicos e especializados, nota-se que a maioria dessas discussões se foca em aspectos físicos – de ação – e biológicos da sexualidade, deixando de fora o espectro das Ciências Humanas. Este trabalho, então, propõe essa discussão em formato de um *podcast* composto de entrevistas com especialistas e com mulheres de vivências variadas, a fim de levar ao público leigo informação sobre a sexualidade da mulher e apresentar relatos diversos que ilustrem conceitos teóricos, de modo a democratizá-los e torná-los acessíveis ao público interessado. Como foco, o programa foi pensado para atender principalmente mulheres acima dos 14 anos, abordando os tópicos de virgindade, o complexo Madonna/Prostituta, construções sociais heteronormativas, entre outros.

**Palavras-chave:** Sexualidade feminina. Estudos de gênero. Podcast. Jornalismo.

## ABSTRACT

With the advance of the feminist movement, mainly from the second half of the 20th century onwards, discussions about women's rights are increasingly present, including their rights over their own bodies, their own pleasure and their own sexuality. However, when it comes to public discourse outside of academic and specialized environments, it is noted that most of these discussions focus on physical – action – and biological aspects of sexuality, leaving out the spectrum of Human Sciences. Therefore, this project proposes such discussion in the form of a podcast composed of interviews with specialists and with women that have varied experiences, in order to bring to the public information about women's sexuality and to present different reports that illustrate theoretical concepts, so that they can be democratized and made them accessible to the interested public. As an audience, the program was designed mainly for women over 14 years of age, addressing the topics of virginity, the Madonna/Whore complex, heteronormative social constructs, and others.

**Key-words:** Female sexuality. Gender studies. Podcast. Journalism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA</b>	<b>9</b>
2.1. Escolha do tema	9
2.2. Escolha do formato	10
<b>3. OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
4.1. O olhar sobre o feminino	14
4.2. O sexo permitido	16
4.3. O áudio e a internet	19
<b>5. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>21</b>
5.1. Descrição de pauta e apuração	21
5.2. Roteirização, gravação, edição e produto final	24
5.3. Custos de produção	25
<b>6. CONCLUSÃO</b>	<b>27</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO A – FICHA DO TCC</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO B – ROTEIRO</b>	<b>32</b>
<b>DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE</b>	<b>54</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Acredito que, apesar de constatar isto a partir de experiências próprias apenas, a seguinte afirmação não deixa de se aplicar à maioria das pessoas: quando pensamos em sexualidade – pelo menos os conceitos e certezas acerca de sexualidade que tiramos de ensinamentos gerais, seja familiares ou da escola –, pensamos em anatomia. Reprodução humana. Métodos contraceptivos, orientação sexual, gênero versus sexo etc. Todas essas questões estão, talvez como nunca estiveram, na vanguarda de discussões sobre educação e conhecimento sexual da cultura ocidental moderna, e não se limitam a ambientes acadêmicos. Percebo que as discussões sobre sexualidade a partir de uma perspectiva menos palpável estão começando a ser levadas para além da academia, mas continuam longe de ocupar o espaço que merecem. Assim como destaca Luciane da Silva Vicente (2023), a própria Base Nacional Comum Curricular teve uma série de versões preliminares que tentavam abordar o ensino de educação sexual de forma multidisciplinar, incluindo menções explícitas a termos como “gênero” e “orientação sexual”; no entanto, a versão final, aprovada em 2017, excluiu a maioria dessas menções e limitou o assunto à disciplina de Ciências.

(...) com a justificativa de que a temática de gênero provocara muita controvérsia, o MEC eliminou da versão oficial os termos gênero e orientação sexual e se comprometeu, posteriormente, elaborar um documento com orientações específicas sobre os temas por hora suprimidos. (...).

Os conhecimentos sobre os aspectos anatômicos e fisiológicos da reprodução humana, embora sejam de suma importância, não são suficientes para proporcionar uma intervenção sistemática, capaz de modificar atitudes e comportamentos das crianças e adolescentes com relação à sexualidade. A nosso ver, um processo educativo comprometido com a educação sexual, não pode ser somente cognitiva, dado que o social e as questões emocionais intervêm nesse processo (VICENTE, 2023, p. 10).

Uma demonstração de como essa abordagem limitada interfere, também, na medicina, existe mesmo em uma entrevista presente neste Trabalho de Conclusão de Curso, que consiste em um *podcast* pensado para abordar a sexualidade feminina sob esse ponto de vista mais abstrato: a ginecologista e sexóloga Jussimara Steglich comenta que não é incomum que ginecologistas ofereçam atendimentos voltados apenas a exames físicos padrão e questionários básicos sobre ciclo menstrual e métodos anticoncepcionais.

Assim como em qualquer outro aspecto da formação do ser humano como ser social, a psicologia permeia as construções, os entendimentos e as conclusões que se encontram na relação da humanidade com seu corpo e seu entorno (PAIVA, 2008, p. 646). Ainda segundo Paiva (2008), houve, a partir do final do século XX, uma mudança de paradigma em torno de conceitos sociais que abordam sexualidade, largamente conduzida por eventos como a epidemia de HIV dos anos 1980 e movimentos como feminismo e LGBTQIA +. Se antes, teóricos como Freud e outros adeptos ao que foi chamado de sexologia encaravam “a” sexualidade como uma força natural a que diferentes sociedades e culturas apenas respondiam, sem ter muito poder de controle sobre este impulso, a virada do século marcou o início da consolidação de um entendimento menos determinista, mais compreensivo tanto de práticas e orientações que se desviam da heterossexualidade como do feminino como aspecto não inferior ao masculino. Esta nova perspectiva ficou conhecida como construcionista.

Concomitantemente, o papel da mulher em construções sociais ocidentais também seguiu uma forte mudança de paradigma, principalmente a partir dos anos 1970 (DESOUZA, BALDWIN e DA ROSA, 2000). Não apenas a mulher como sujeito, mas o feminino como conceito permeante de atitudes, atividades e estéticas da mulher passaram a receber novos olhares, bem como termos tais quais “machismo” e “patriarcado” passaram a ser discutidos criticamente em âmbitos acadêmicos e sociais, o que desafiou noções pré-concebidas também sobre a liberdade sexual da mulher e do feminino.

Esta combinação de mudanças fez com que o século XXI se inaugurasse apresentando um solo muito mais fértil, não apenas para o avanço do tratamento de grupos até então marginalizados, como também para a abertura de discussões mais sinceras e justas quanto ao direito desses grupos de vivenciar e expressar a própria sexualidade. A psicologia social, como já demonstrado brevemente, atua de forma determinante nessas discussões. Sobre o paradigma construcionista, Paiva (2008) esclarece:

Desde a psicologia, temos dialogado com alguns dos autores desse campo, discutindo como caminhos pessoais constantemente ampliam os dois gêneros para variadas formulações sobre o feminino e masculino, singularidades mais salientes nos cenários sócio-culturais em que se já se afirmou o indivíduo como um sujeito psicológico e de direito (Paiva, 1990, 2000, 2006). As diferentes tradições culturais (como as religiosas, ver Rios et al., 2008), configuradas em estruturas e contextos sócio-econômicos específicos (...) constituem uma visão de nossa própria transitoriedade e virtual multiplicidade na realização das sexualidades e dos gêneros. Invenções locais, como as que encontramos encarnadas em homens e mulheres de nosso cotidiano, ou que se realizam em redes menos visíveis

como as homossexuais (Parker, 2002), povoam a mídia e internet e descrevem vivamente a possibilidade de sujeitos sexuais, como discutiremos adiante, conduzirem sua constante reinvenção (PAIVA, 2008, p. 645).

No entanto, como esclarecido acima, acredito que a psicologia como campo de debate popular ainda se encontra relativamente inexplorado. Se é amplamente discutida em contextos acadêmicos, tendo sua importância consolidada historicamente tanto na análise quanto na formação de conceitos sobre sexualidade, parece ainda distante da compreensão de uma população mais generalizada.

Um exemplo de como discussões teóricas sobre sexualidade pode ser influenciado pela psicologia como disciplina e implementado em demais áreas profissionais que se conectam mais diretamente com o público geral e leigo é o conceito de *female gaze*, criado em 1975 pela cineasta Laura Mulvey em seu ensaio “Prazer visual e cinema narrativo”. Segundo Mulvey, o fazer de cinema - e, anterior e posteriormente a ele, a criação da cultura moderna - ocidental foi historicamente permeado pelo *male gaze*, ou “olhar masculino”. Isso significa, em termos gerais, que a imagem do corpo da mulher e do conceito de feminino no cinema ocidental foi criado e conduzido principalmente por homens – diretores, roteiristas etc –, o que condicionou a representação da mulher e do feminino a agradar o olhar masculino (LEVY, 2010).

Seguindo este exemplo, temático e amplo, e outros mais específicos - como o trabalho da psicanalista Maria Lucia Homem e os *podcasts* Prazer, Obvious e Bom Dia, Obvious, criados por Marcela Ceribelli, cujos conteúdos se focam em aspectos psicológicos do prazer e da sexualidade feminina –, este trabalho nasceu visando explorar a fundo tais temas a partir de um *podcast* de entrevistas com especialistas, para apresentação e apropriação de conceitos teóricos a fim de descomplicá-los e explicá-los ao público geral, e entrevistas com mulheres que possam contribuir com uma variedade de vivências próprias, para contextualizar, ilustrar e concretizar os conceitos teóricos fornecidos. Concluída a apuração, decidi focar o conteúdo do *podcast* no tema virgindade, já que a maioria das entrevistas, tanto com especialistas quanto de relatos pessoais, voltaram-se para ele.

## 2. JUSTIFICATIVA

### 2.1. Escolha do tema

A escolha do tema passou por alguns crivos. O primeiro e o segundo estão fortemente conectados, sendo eles: o meu interesse crescente sobre o assunto a partir de pesquisas prévias e consumo de conteúdos sobre cultura pop que tocam em temas como *female gaze*, psicologia e estudos de gênero e sua relação com a sexualidade; e a minha percepção de que é possível conectar ambos os tipos de conteúdo de forma que a discussão do tema em questão se torne atrativa para um público mais amplo, tanto a partir de formato de distribuição – *podcast* –, quanto de conteúdo – conversas descontraídas e atrativas do ponto de vista de consumo em massa.

A decisão de focar os três episódios principalmente nos conceitos de virgindade e pureza também passou pelo aspecto pessoal, visto que, como mulher e jovem, me identifico muito com essa discussão. Porém, o principal fator que contribuiu para essa decisão foi o processo de apuração. Inicialmente, o *podcast* teria três temas distintos dentro do assunto “sexualidade feminina”: o primeiro episódio seria focado em virgindade e pureza, o segundo em sexualidade e maternidade e o terceiro em sexualidade na menopausa ou na terceira idade. Durante as primeiras entrevistas que conduzi, no entanto, percebi que havia muitos pontos a serem abordados apenas sobre o primeiro tema, já que ele envolve opressão e controle do gênero feminino de diversas formas.

Como ponto de partida, escolhi explorar o complexo de Madonna/Prostituta de Sigmund Freud, idealizado no início do século XX. Este complexo se refere a uma análise feita pelo psicanalista que determinava que homens heterossexuais deixavam de sentir desejo sexual por suas esposas, pois elas assumiam um papel maternal e de cuidadoras (Madonna), e passavam a procurar amantes – mulheres que ainda podiam expressar sexualidade sem que isso competisse com uma identidade virginal (Prostituta). Hertler, Perñaherrera-Aguirre e Figueredo (2023) definem uma versão moderna do complexo de Madonna/Prostituta da seguinte forma:

Mais recentemente, o complexo de Madonna-Prostituta vem sendo criticamente recebido como algo próximo a um instrumento de opressão, tendo se originado na cultura cristã ou em sociedades patriarcais pós-modernas. Por exemplo, Feinman (1994) acredita que o complexo de Madonna-Prostituta é um artefato da tradição judaico-cristã. Esta dicotomia

é, segundo Feinman, derivada de uma mente masculina, que, por consequência, é às vezes instanciado no comportamento e na autopercepção feminina. Mulheres são diferentes de homens por conseguirem ter filhos e provocar excitação sexual, poderes que, como Feinman acredita, foram tidos como ameaçadores. Homens, em resposta, criaram uma estrutura binária na qual tais poderes poderiam ser restringidos. Mulheres, ao aceitarem essa dicotomia, são oprimidas por homens e devem se submeter, seja ao aceitarem passivamente a proteção pela qual se conformam com o ideal de Madonna, ou ao enfrentam retaliação por sua promiscuidade, caso se conformem ao papel de Prostituta (HERTLER, PERÑAHERRERA-AGUIRRE, FIGUEREDO, 2023, p. 2, tradução própria).

Assim, podemos entender que a virgindade, estando atrelada à noção de pureza sob a qual as mulheres são historicamente colocadas, transforma-se em uma identidade que deve ser aderida, já que gera aceitação e proteção social. Isso também é perceptível na expressão “Mulher Honesta”, utilizada na legislação brasileira até 2009 para condicionar a punição de crimes sexuais ao comportamento da mulher (JUSBRASIL, 2016). O Código Penal de 1969 (BRASIL, 1969) reforçou o uso da expressão conforme o Código Penal de 1940 (BRASIL, 1940). Nelson Hungria, que foi presidente da Comissão Revisora do Anteprojeto do Código Penal de 1969, afirmou o seguinte sobre o que significava ser uma mulher honesta:

Mais recentemente, o complexo de Madonna-Prostituta vem sendo criticamente recebido como algo próximo a um instrumento de opressão, tendo se originado na cultura cristã ou em sociedades patriarcais pós-modernas. Por exemplo, Feinman (1994) acredita que o complexo de como tal se entende, não somente aquela cuja conduta, sob o ponto de vista da moral sexual, é irrepreensível, senão também aquela que ainda não rompeu com o *minimum* de decência exigida pelos bons costumes. Só deixa de ser honesta (sob o prisma jurídico-penal) a mulher francamente desregrada, aquela que inescrupulosamente, *multorum libidini patet*, ainda não tenha descido à condição de autêntica prostituta. Desonesta é a mulher fácil, que se entrega a uns e outros, por interesse ou mera depravação (*cum vel sine pecúnia accepta*) (JUSBRASIL, 2016).

## 2.2. Escolha do formato

A alta da popularidade de produtos em formato de áudio no Brasil, com foco em programas do tipo *podcast* (ROVAROTO, 2022), guiou a escolha por tal formato. Além disso, houve também o fator de facilidade de produção e edição do material, tanto pela falta de exigência de grande estrutura técnica quanto pela minha predileção por essa atividade.

Além disso, Bottentuit Junior e Coutinho (2007, p. 837) indicam o *podcast* como ferramenta potente em termos de educação, já que “num mundo globalizado onde o tempo é escasso, o *podcast* surge como uma tecnologia alternativa extremamente potente para ser utilizada ao serviço do processo de ensino e aprendizagem”. Na mesma lógica, Sandro Galarca (2018) explora as relações entre jornalismo e educação, apontando que a presença de mídias jornalísticas cresce com as tecnologias atuais, impulsionadas pela internet, e assume uma responsabilidade educacional que não pode ser ignorada. Apesar de não possuir objetivos pedagógicos, este projeto ainda se compromete em levar informação com intuito de educar sobre temas específicos de forma compreensível e comprometida.

Tendo em vista os pontos levantados, acredito que o uso de *podcast* como ferramenta é uma maneira prática para iniciar discussões sobre prazer e sexualidade feminina. Há, ainda, o entendimento de que, assim como os aspectos biológicos mais amplamente abordados, a sexualidade a partir da psicologia é indispensável para o entendimento mais completo do tema e que acredito merecer atenção fora de âmbitos especializados no assunto, principalmente considerando os períodos formativos da adolescência e início da vida adulta, quando tomar conhecimento de tais assuntos pode ser especialmente benéfico.

### 3. OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho será fornecer um meio acessível e facilmente compreensível de distribuir informação, a partir principalmente de discussões e entrevistas tanto com especialistas quanto com leigos, sobre sexualidade feminina no âmbito da psicologia. Tanto o formato em áudio quanto a escolha por entrevistas descontraídas e conversas sobre diferentes vivências pessoais têm o objetivo de extrair das fontes conhecimento e evidências reais, baseadas tanto em experiências teóricas como empíricas, dos temas abordados em cada episódio.

O público-alvo determina-se a partir do tema abordado, focando-se no gênero feminino como um todo, independentemente de sexo biológico. Apesar de não se pretender descartar as diferenças entre o tratamento social e cultural entre mulheres cisgênero e mulheres transgênero ou pessoas de gênero fluido, o objetivo deste *podcast* será tratar de aspectos psicológicos voltados para o que se entende como “feminino” e o que caracteriza sua sexualidade, de forma ampla e que procure incluir todas a maioria possível de experiências dentro dessa definição, considerando que a discussão de psicologia tem maior capacidade de abordar conceitos abstratos e teóricos que não se prendem a um pré-conceito de mulher, como poderia fazer uma discussão a partir da biologia, por exemplo.

Vera Paiva (2008), discutindo a epidemia de HIV que se espalhou, em grande parte, por falta de informação sobre a doença durante os anos 1980, aborda a importância da comunicação sobre sexualidade para a promoção de uma saúde sexual mais generalizada:

Adotando a perspectiva construcionista, a ampliação da consciência será um objetivo prático mais interessante que substitui com vantagem a noção de saúde sexual frequentemente concebida como “natureza revelada” pelo discurso biomédico, ou como uma definição fechada de sucesso técnico (aumento do uso de camisinha) que contrasta com um “problema” (a vulnerabilidade ao HIV) (Paiva et al., 2004). **Saúde sexual deverá ser “uma” noção a ser construída na interação entre o sujeito-técnico (especialista em educação, saúde) e a pessoa ou comunidade em questão (os especialistas na vida cotidiana que interessa abordar).** Uma comunicação efetiva permitirá que o pensar informado pela normalidade técnica dialogue com a normatividade compartilhada em cada local, dialogue com “outros generalizados” (PAIVA, 2008, p. 649, grifos próprios).

A mesma autora ainda revela a importância que a mudança de paradigma entre as perspectivas “sexologia” e “construcionista”, dentro das considerações teóricas e pesquisas

da psicologia e da psicanálise, teve para que a sexualidade passasse a ser encarada de forma mais justa, social e culturalmente, promovendo, também, saúde pública. Pretende-se, portanto, abordar temas de sexualidade feminina de forma a permitir uma comunicação mais justa sobre o direito e a agência da mulher sobre o próprio prazer, entre outros assuntos.

Os objetivos específicos, então, concentram-se em:

- Conduzir entrevistas com profissionais da psicologia especializados em estudos da sexualidade, de preferência mulheres pesquisadoras equipadas para fornecer informação técnica a partir de uma perspectiva também feminina;
- Conduzir entrevistas com mulheres de diferentes faixa-etárias, condições sociais e culturais e relações com a própria sexualidade, a fim de coletar relatos diversos sobre temas variados como sexualidade na juventude, na maternidade, na terceira idade, etc.
- Produzir, a partir desse material bruto, um programa em formato de podcast de até três episódios, cada episódio focado em um tema específico.



## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1. O olhar sobre o feminino

Considerando o tema pretendido neste projeto, cujo foco principal é o universo feminino dentro do espectro da sexualidade que permeia uma cultura ocidental e globalizada, pretendo contextualizar os conceitos de *male* e *female gaze* de modo a esclarecer a força motriz responsável pelo ângulo pretendido nas abordagens do *podcast*. Em 1975, a cineasta Laura Mulvey cunhou ambos os termos de modo a classificar dois modos distintos de encarar a produção hollywoodiana: uma delas a partir do prazer masculino e outra a partir da vontade, liderada principalmente pelo movimento feminista da segunda metade do século XX, de contestá-lo. Joanise Levy (2010) explica a relação entre tais conceituações de Mulvey e a psicanálise:

A estratégia de análise da autora toma a psicanálise como um parâmetro, não por sua filiação a esta vertente teórica, mas por enxergar no arcabouço semântico da psicanálise, em desenvolvimento desde o final do século XIX, as chaves para compreender o inconsciente da sociedade patriarcal que estruturou a forma cinema, este que é um sistema de representação que estrutura as formas de ver e o prazer no olhar (MULVEY, 2003). No cinema ocidental, especialmente aquele produzido pela indústria americana de Hollywood, a mulher aparece como imagem e o homem como o dono do olhar. Mulvey destaca que o falocentrismo, na base da teoria psicanalítica, atribui à mulher a condição de vítima e expõe como seu único desejo compensar a ausência do falo (LEVY, 2010, p. 2).

Para compreender, basta pensarmos em uma personagem como Mikaela Banes, interpretada por Megan Fox nos dois primeiros filmes da franquia Transformers (2007 e 2009). A personagem serve a poucos propósitos se não uma fantasia romântica e sexual para o personagem principal, interpretado por Shia LaBeouf, aparecendo constantemente sob ângulos excessivamente sugestivos e sendo caracterizada como uma garota “diferente das outras”, pois gosta de mecânica e passa grande parte de suas cenas consertando carros, por exemplo. O subtexto levado adiante por caracterizações como a de Mikaela Banes é o que prega que mulheres devem ser bonitas, seguindo um padrão que agrada o “olhar masculino” especificamente, e que, portanto, essa beleza não pertence a elas e sim aos homens que as admiram; que as mulheres devem agir de forma sensual, mas apenas até conseguirem a atenção de seu par romântico, pois essa sensualidade também não lhe pertence; que os interesses da mulher não podem ser excessivamente femininos, pois os homens rejeitam

feminilidade e abraçam masculinidade – então, o prazer em lidar com conserto de carros –, mas também não podem se restringir a isso, pois à mulher não é permitida a mesma rejeição a tudo que é feminino.

A atriz Megan Fox não fez parte do terceiro filme da franquia Transformers, lançado em 2011, sendo substituída por Rosie Huntington-Whiteley. Este foi o último com o personagem de Shia LaBeouf no papel principal e deveria encerrar o arco de seu personagem, Sam Witwicky, com Mikaela Banes. Fox foi, no entanto, demitida devido a diversos desentendimentos com o diretor Michael Bay, que recebeu diversas reclamações da atriz por não aceitar que ela aparecesse em cena usando mais do que “um biquíni listrado e com estrelas, um chapéu de cowboy vermelho e saltos de 15 centímetros” (KEMP, 2022). A carreira de Fox, que até o final dos anos 2000 parecia estar decolando sem previsões de pouso, de repente se estagnou. Ainda em 2009, ela estrelou no filme de terror adolescente *Garota Infernal*, que a apresentou com uma proposta completamente diferente da maioria dos papéis em que figurava na época, mais alinhados com o que fez em Transformers. Em *Garota Infernal*, escrito pela roteirista Diablo Cody e dirigido por Karyn Kusama, recebeu um tratamento que desafiava o *male gaze* ao encenar uma história que deveria agradar o olhar masculino como Transformers fazia, mas que subvertia cada expectativa ao recusar os mesmos ângulos de câmera sugestivos, ao focar-se em um relacionamento ambíguo entre duas mulheres e ao abordar temas de violência contra mulher e vingança feminina. O título original do filme – *Jennifer's Body*, ou *O Corpo de Jennifer* – é a maior marca deste truque: promete um filme sobre o corpo de Megan Fox a partir dos padrões masculinos, mas o que entrega é um “olhar feminino”, ou *female gaze*, tratando o corpo em questão primeiro como representação de uma sexualidade feminina confiante (que não deve ser confundida com aquela que agrada ao olhar masculino, pois essa serve ao propósito da agência da personagem sobre a própria sensualidade) e, depois, como receptáculo das consequências físicas de uma violência infligida por homens.

*Garota Infernal* foi recebido com grande ceticismo por parte do público por conta desses desvios. O marketing que precedeu seu lançamento prometia exatamente o que o filme se comprometia a subverter, o que afastou tanto o público masculino decepcionado quanto o público feminino, que esperava apenas mais espetáculo do estilo Michael Bay (THE TAKE, 2021).

Tais exemplos servem para demonstrar como as conceituações de Mulvey são não apenas simbólicas e existentes na sétima arte, mas refletem a produção cultural de uma sociedade que emula tais conceitos no dia-a-dia. Assim como o movimento feminista

inspirou Mulvey e seu “Prazer visual e cinema narrativo”, inspirou também a transição do papel da mulher na sociedade. Como demonstram DeSouza, Baldwin e Da Rosa (2000), a partir dele, mulheres passaram a se esforçar para ocupar novos espaços e declarar reivindicações sociais.

Os fatores acima ajudaram as mulheres a ter um papel mais visível na estrutura das relações sociais no Brasil. Por exemplo, mães começaram campanhas políticas locais em suas comunidades. Essas campanhas cresceram e abrangeram o país inteiro, como o Movimento Feminino pela Anistia, o Movimento Custo de Vida e o Movimento de Luta por Creches (Alvarez, 1989). De acordo com Alvarez (1990), essas campanhas focalizaram nos papéis de gênero e feminizaram a política durante a abertura. Várias questões foram abordadas. Contudo, o planejamento familiar, o cuidado de filhos fora de casa (em creches) e a violência contra as mulheres são as três questões que parecem formar o foco da tentativa das mulheres para redefinir seu papel em relação à família (DESOUZA, BALDWIN e DA ROSA, 2000, p. 487).

A relação entre esses movimentos e a retomada de agência das mulheres sobre a própria sexualidade, então, parece natural. Afinal, se os conceitos de Laura Mulvey podem ser transferidos para a realidade, isso acontece mais fortemente na percepção que ajudam a fomentar, tanto sobre homens quanto sobre mulheres, do que é uma “sexualidade feminina” (PEREIRA e SANTOS, 2021).

“A informação subliminar que a mulher acaba recebendo é de que a sexualidade é domínio do masculino e, portanto, não lhe pertence”, explica a doutora em estudos de gênero Olga Garcia, pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essas representações, que reiteram papéis submissos e de “boa moça”, ensinam as mulheres a priorizar as expectativas construídas em relação ao gênero, não uma resposta às suas reais necessidades sexuais. São expectativas calcadas em preconceitos que condenam a livre expressão das sexualidades femininas. “Isso afasta as mulheres de suas essências” (PEREIRA e SANTOS, 2021).

#### **4.2. O sexo permitido**

Seguindo uma lógica parecida com a de Laura Mulvey – a de que a sexualidade da mulher tende a não pertence a ela, mas sim aos homens que detêm poder –, a antropóloga Gayle Rubin, em seu ensaio “O tráfico das mulheres: notas sobre a economia política do sexo” (1975, p. 19) determinou que “a formação da identidade de gênero é um exemplo de produção no domínio do sistema sexual. E um sistema de sexo/gênero envolve mais do que as

“relações de procriação”, mais do que a reprodução em um sentido biológico.” Aqui, ela desafia o uso do termo “patriarcado” para se referir a políticas do sexo e da sexualidade a favor do que chama de “sistema sexo/gênero”. Segundo ela:

Introduziu-se o termo “patriarcado” para distinguir as forças que mantêm o sexismo de outras forças sociais, como o capitalismo. Mas o uso do termo “patriarcado” esconde outras distinções. Usar esse termo é como usar o termo capitalismo para designar todos os modos de produção, quando a utilidade do termo “capitalismo” é precisamente a de que ele permite fazer a distinção entre os diferentes sistemas pelos quais as sociedades se provêm e se organizam (...) Da mesma forma, toda sociedade tem algumas formas sistemáticas de lidar com sexo, com gênero e com bebês. Esse sistema pode ser sexualmente igualitário, pelo menos em teoria, ou pode ser “estratificado em gêneros”, como parece ser o caso da maioria dos exemplos conhecidos. Mas é importante – mesmo diante de uma história deprimente – estabelecer uma distinção entre a capacidade e a necessidade humana de criar um mundo sexual, e as formas opressivas empíricas nas quais os mundos sexuais foram organizados. A palavra patriarcado encerra ambos os sentidos no mesmo termo. O sistema de sexo/gênero, por sua parte, é um termo neutro que se refere a essa esfera de relações, e indica que a opressão não é inevitável nessa esfera, mas é produto das relações sociais específicas que a configuram (RUBIN, 1975, p. 14).

A partir dessa nova definição, sob a qual Rubin passou a analisar as relações de políticas de opressão do sexo, ela identificou que a organização social do sexo é baseada em restrições à sexualidade feminina e no que chamou de “heterossexualidade compulsória”. Existindo uma separação clara entre gênero masculino e gênero feminino, reforçada principalmente por culturas cristãs (HERTLER, PERÑAHERRERA-AGUIRRE, FIGUEREDO, 2023, p. 2), relações heterossexuais são tidas como norma, da mesma forma que a sexualidade do homem é sempre favorecida.

Sob essa ótica, podemos determinar que, para além do comportamento feminino, um “sistema sexo/gênero” baseado na heteronormatividade reprime também o prazer sexual de qualquer indivíduo que não se identifique com o gênero masculino. Para as mulheres, isso é bem ilustrado pelo complexo Madonna/Prostituta de Freud, que identifica demonstrações de apetite e prazer sexual como depravação e desvio de moral e bons costumes. Demonstra-se, então, que o respeito inerentemente relacionado à identidade da Madonna também é inerente a uma identidade virginal e imaculada, o que se conecta às discussões propostas neste trabalho.

Já tendo estabelecidas algumas questões em torno do ângulo sob o qual se pretende abordar o tema do podcast, resta que seja esclarecido mais a fundo o que deve, a partir daqui, ser considerada uma “sexualidade feminina”, a partir de perspectivas construcionistas e feministas. A partir de um entendimento próprio, gostaria de estabelecer um critério para tal sexualidade: que sirva a um propósito para o próprio corpo feminino a que pertence, seja este o prazer puro ou outro, e que exista fora de um objetivo único de agradar ao prazer masculino.

Como exemplo, indico a poética de Hilda Hilst. De acordo com Romero Venâncio (2015), há, embebido no desejo expresso por Hilst em sua poesia, uma vontade de escapar de uma angústia trazida pela finalidade do corpo, fonte de toda a produção do ser humano, o que impossibilita que haja produção frente à mortalidade.

A relação corpórea, sexual, com um amante presente, representa a primeira experiência no itinerário de fuga da angústia provocada pela consciência dessa dualidade. A entrega a um desejo que não atinge a plenitude, mas que nos faz sentir a existência ao mesmo tempo em que se expurga da própria condição temporária dessa existência. Uma entrega à intensidade do gozo carnal, que dá sentido ao seu cansaço, ao invés de uma busca enfadonha pelo sentido vazio do existir (VENÂNCIO, 2015, p. 409).

Hilda Hilst foi uma escritora provocativa, cuja abordagem de temas eróticos expressava uma recusa de remorso sobre o próprio desejo; ao contrário, o desejo servia como ferramenta de luta contra outros tipos de remorsos. Parecida com ela era Sylvia Plath, cujos diários datados da década de 1950, início de sua vida adulta, indicam o princípio da exploração da autora sobre a própria sensualidade, provindos tanto de uma vontade conservadora de romance e família quanto de um desejo carnal mais puro. Plath explora sua indignação com a prisão que percebe ao não poder perseguir esses desejos em igualdade, sendo restrita apenas ao primeiro e negada ao segundo (PLATH, 2017).

Segundo Trindade e Ferreira (2008), a liberdade concedida à livre expressão da sexualidade leva a saúde e bem-estar, e é encarada prioridade dentro de políticas públicas de atendimento à mulher. No entanto, “a abordagem centra-se no diagnóstico e tratamento de problemas de saúde, não necessariamente abarcando toda a complexidade que o tema exige” (TRINDADE e FERREIRA, 2008, p. 418). Encaro que parte dessa complexidade vem da implementação segura de tal liberdade, sem restrições impostas seja por convenções advindas do legado deixado pelo Cristianismo, que formulou grande parte dos conceitos morais e éticos da sociedade ocidental, seja por categorizações culturais como o *male gaze* de Mulvey;

sem, também, que se deixe faltar informação e educação necessárias para a manutenção da saúde sexual da mulher. Sobre isso, atestam:

Pode-se também ressaltar que o atendimento no âmbito privado do consultório não privilegia uma discussão coletiva entre as próprias mulheres, o que, certamente, a partir do compartilhamento de experiências comuns, possibilitaria o desenvolvimento da percepção de que suas outras demandas não estão propriamente relacionadas a problemas originalmente seus, mas integram um conjunto muito próprio da condição feminina e da vivência de ser mulher. Ainda mais, a discussão coletiva privilegia a socialização das soluções dos problemas, retirando-os do universo individual de cada mulher (TRINDADE e FERREIRA, 2008, p. 418).

Parte dessa segurança sobre saúde e bem-estar pode ser atribuída a um tratamento responsável da sexualidade feminina a partir da psicologia. Em contrapartida à psicanálise, fomentada por Sigmund Freud e participante do paradigma da sexologia (PAIVA, 2008), a Gestalt-Terapia é uma abordagem Humanista que encara a sexualidade como um desenvolvimento natural, cujas etapas surgem de acordo com as vivências individuais de cada sujeito e cujos processos de descobrimento e integração no cotidiano devem ser respeitados, independentemente de sexo ou gênero (MÖLLER e ANDRADE, 2011).

Apesar de não pretender limitar as discussões propostas neste projeto a uma abordagem do campo da psicologia, como a Gestalt-Terapia ou a psicanálise de Freud, ambas servem como exemplos de maneiras distintas de encarar o assunto e ilustram como considero, anteriormente às pesquisas aprofundadas e às entrevistas decorrentes do próprio projeto, que sejam abordagens saudáveis e não saudáveis, respectivamente.

### **4.3. O áudio e a internet**

Grande parte dos conteúdos utilizados como referência para este projeto são produtos publicados e divulgados pela internet. Os vídeos sobre psicanálise no canal do YouTube de Maria Lucia Homem; os *podcasts* Prazer, Obvious e Bom Dia, Obvious no Spotify, criados por Marcela Ceribelli; também no YouTube, o canal de *video essays* The Take; o perfil no Instagram da ginecologista Marcela McGowan, entre outros. Todos esses, de um jeito ou de outro, tocam no assunto “sexualidade feminina”, seja pelo ponto de vista da psicologia ou não. Assim, já é possível identificar que a internet possui grande influência na disseminação de informação e conteúdo, de diferentes formas e em diferentes plataformas. O que une os exemplos dados, no entanto, é a predominância do audiovisual como formato de transmissão.

Segundo Paula Marques de Carvalho (2011), o *podcast* como formato surge principalmente a partir da transferência dos meios de comunicação tradicionais e generalizados para “formas individualizadas de produção e distribuição de conteúdo” (CARVALHO, 2011, p. 2). De acordo com Bottentuit Junior e Coutinho (2007), o *podcast* é fruto direto da internet, sendo caracterizado pela publicação de arquivos em áudio nessa rede. Carvalho (2011) esclarece:

Sem a necessidade de altos investimentos e a exigência técnica de produção aplicada aos mass media, esse novo meio permite a descentralização das produções, abrindo espaço para uma maior pluralidade de vozes e diversidade de conteúdos. Para a produção de um podcast, o novo produtor necessita apenas de um computador, um microfone para gravação e as ferramentas tecnológicas, como: softwares de edição e plataformas para hospedar o arquivo na rede, disponíveis gratuitamente na internet (CARVALHO, 2011, p. 4).

O formato é, portanto, embebido de possibilidades de produção que não se atêm grandes restrições de produção ou de conteúdo, já que tem a possibilidade de encontrar com facilidade um público-alvo específico por meio da internet.

## 5. DESENVOLVIMENTO

### 5.1. Descrição de pauta e apuração

Como mencionado anteriormente, a ideia inicial para o *podcast* era separar os três episódios em três temas distintos:

- Perda da virgindade: discussão sobre o misticismo que rodeia a noção da virgindade da mulher, como isso influencia representações culturais como filmes e livros e, por sua vez, a noção que jovens herdam sobre a própria “pureza”;
- Sexualidade e maternidade: discussão sobre qual o papel da sexualidade na vida de uma mãe, como conciliar maternidade e sensualidade e quais os efeitos que o status da maternidade traz para o entendimento da mulher sobre o próprio corpo e a própria sexualidade;
- Sexualidade na senioridade: discussão sobre o espaço que a sexualidade ocupa na população de terceira idade – ou sobre o direito dessa população sobre a própria sexualidade –, e sobre as mudanças que o envelhecimento traz para a vida sexual das mulheres.

Incluo essas pequenas descrições aqui porque, apesar de a apuração ter favorecido apenas o primeiro tópico, encaro o material produzido para este trabalho como um pontapé inicial para um programa que poderia avançar cobrindo os outros dois temas, sobre maternidade e senioridade, e também outras questões que envolvem sexualidade da mulher.

Durante a pré-apuração, que se iniciou no início de 2023, procurei ir atrás de contatos de fontes variadas (mulheres para coleta de relatos pessoais e profissionais da psicologia, da antropologia e da psicologia para coleta de dados e informações mais técnicas). Porém, acabei começando o processo de apuração com a entrevista da Maria Luísa Belloni e da Andreia Daher, que consegui fazer em conjunto, de forma que, além de me passarem os relatos, elas também poderiam conversar e discutir entre si. As duas mulheres são jovens, então a conversa foi focada em virgindade, mas as experiências de cada uma das duas era bastante diferente. A Maria Luísa descreveu ter crescido em ambiente religioso e, conseqüentemente, ter tido sua sexualidade bastante reprimida. Já Andreia revelou ter crescido em um ambiente mais tranquilo, em que ela pode escolher quando e com quem ter sua primeira vez, e que sofreu não tanto por ter sua sexualidade reprimida, mas por não saber lidar muito bem com ela quando se tornou sexualmente ativa. A partir disso, percebi que havia muitos pontos a serem abordados apenas sobre o tema virgindade, e muitas formas



diferentes de abordá-los. Percebi, também, que uma coisa que ambas as mulheres tinham em comum era a falta de acesso a uma orientação qualificada, psicológica ou médica, que as ajudassem a lidar com as dores referentes às suas relações com os próprios corpos e com prazer sexual.

A segunda e a terceira entrevistas que conduzi foram com a psicóloga Luiza Deslandes, que se especializa em sexualidade, e com a enfermeira e pesquisadora Olga Zigelli Garcia, doutora em estudos de gênero. A entrevista com a Luiza também rendeu mais com relação ao tema virgindade, mas a conversa com Olga, que durou mais de duas horas, abordou os três temas iniciais a fundo. Como ela atende mulheres e pesquisa estudos de gênero desde os anos oitenta, ela trouxe muita informação prática sobre sexualidade na maternidade e na terceira idade, mas ainda em ambos esses casos, as noções de pureza (quando falávamos sobre o comportamento esperado de uma mãe ou uma mulher idosa) e de obscenidade e depravação (quando falávamos sobre o que “não combina” com essas mulheres) estavam presentes.

Apesar de já ter notado a força que o tema virgindade estava ganhando na minha apuração, neste ponto (entre abril e maio de 2023), eu ainda não tinha descartado minha ideia inicial para os três episódios com três temas distintos, então entrevistei Deise Vieira, mãe há 25 anos. A experiência que ela trouxe muito se alinhou com as observações feitas por Olga sobre dificuldade de conciliar sexualidade com o cansaço e as mudanças fisiológicas trazidas pela maternidade, além dos conflitos de assumir o papel de mãe e de esposa ou parceira ao mesmo tempo.

Nesse meio-tempo, entrei em contato com o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC para tentar agendar uma entrevista com mulheres idosas que estivessem dispostas a discutir sexualidade. Mantive contato com Bárbara Tavares, enfermeira e educadora do núcleo, para marcar uma reunião e checar a possibilidade de entrevistas, já que o contato com os idosos atendidos deveria ser mediado por representantes do NETI. No entanto, ela acabou remarcando e, por fim, faltando a reunião que tínhamos agendado pelo Google Meets. A partir daqui, por já ter decidido mudar o rumo do resto da apuração, acabei não dando continuidade às tentativas de contato.

No início de junho, para explorar outros aspectos do tema virgindade, agendei entrevistas com Juliana Benevides e com Rafaella Riva. Como a maioria das entrevistas conduzidas até então tinham abordado religião como um aspecto importante na repressão sexual de mulheres, a conversa com a Juliana, que é evangélica e acredita em guardar o sexo para depois do casamento, serviu para tratar do assunto castidade a partir do ponto de vista de

quem a emprega ao invés de criticar. Já a Rafaella relatou sua experiência com relação à virgindade enquanto mulher lésbica – as profissionais e especialistas entrevistadas, tanto antes quanto depois da conversa com Rafaella, destacavam que a discussão do tema sexualidade, inclusive dentro de consultórios, está geralmente atrelada a relações heterossexuais, e que incluir a comunidade LGBTQIA+ dependia de uma atenção redobrada dos profissionais responsáveis.

As duas últimas entrevistas conduzidas foram com a ginecologista Jussimara Steglich, que serviu como reforço técnico para o material coletado até então, principalmente no que diz respeito a ansiedades causadas por repressão de sexualidade em meninas e a importância da educação sexual, e com a psicóloga Luciana Oliveira, que serviu para reforçar as relações entre sexualidade, comportamento e identidade.

Ao todo, as entrevistadas presentes no podcast são:

<b>Entrevistada</b>	<b>Descrição</b>
Maria Luísa Barcellos Belloni	Fonte de relato. Curitibana, formada em Direito
Andreia Daher	Fonte de relato. Brasiliense, formada em Cinema
Luiza Deslandes	Fonte especialista. Belo-horizontina, psicóloga especialista em sexualidade
Olga Regina Zigelli Garcia	Fonte especialista. Florianopolitana, enfermeira e doutora em estudos de gênero
Deise Vieira	Fonte de relato. Florianopolitana, funcionária pública.
Juliana Benevides	Fonte de relato. Recifense, formada em Direito.
Rafaella Riva	Fonte de relato. Curitibana, formada em Veterinária.
Jussimara Souza Steglich	Fonte especialista. Reside em Florianópolis, ginecologista especialista em sexologia.
Luciana Oliveira	Fonte especialista. Belo-horizontina, psicóloga

Em virtude da localização das fontes – que, na maioria das vezes, era diferente da minha – e de conflitos de horários e impossibilidade de deslocamento, todas as entrevistas foram feitas de forma remota e gravadas pelo programa *Audacity*. A enfermeira Olga Zigelli é professora da UFSC e já havia me concedido entrevista para uma reportagem anterior. Deise Vieira é mãe do Vinícius, meu ex-colega de estágio. Jussimara Steglich foi indicada por uma colega do curso de Jornalismo. Luciana Oliveira foi indicada pela minha própria psicóloga. Conheci Maria Luísa Belloni e Rafaella Riva na época do Ensino Médio, e Andreia Daher, Juliana Benevides e Luiza Deslandes, em um intercâmbio feito em 2019.

Além delas, foram utilizadas também fontes documentais que incluíram:

- Artigo “Gênero e o Significado e Experiência da Perda de Virgindade”, de Laura M. Carpenter
- Ensaio “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo”, de Gayle Rubin
- Dissertação de mestrado “Orgasmo feminino: da expressão ao início da compreensão”, de Olga Regina Zigelli Garcia
- Pesquisa “*Variation in Orgasm Occurrence by Sexual Orientation in a Sample of U.S. Singles*”, de Justin R. Garcia, Elisabeth A. Lloyd, Kim Wallen e Helen E. Fisher
- Pesquisa “*Differences in Orgasm Frequency Among Gay, Lesbian, Bisexual, and Heterosexual Men and Women in a U.S. National Sample*”, de David A. Frederick, H. Kate St. John, Justin R. Garcia e Elisabeth A. Lloyd
- Artigo “*The Psychology of the Madonna Whore Complex*”, de Brooke Brownlee

## **5.2. Roteirização, gravação, edição e produto final**

Os roteiros para os três episódios foram produzidos após a apuração ser concluída, a partir de meados de junho de 2023. O processo de roteirização seguiu a lógica de narração intercalada por sonorais das entrevistas pré-gravadas. A ferramenta *Pinpoint*, do Google, foi utilizada para decupagem das gravações e armazenamento das falas destacadas para uso no roteiro.

Seguindo a ideia inicial, mantive a estrutura do programa em três episódios, cujo conteúdo seguiu a exploração do complexo Madonna/Prostituta, de Freud, em como podemos vê-lo aplicado hoje em dia e maneiras de contorná-lo. Todos eles têm entre 14 e 15 minutos de duração e seguem o estilo de reportagem em áudio.

O primeiro episódio foi focado no arquétipo da Madonna e em como ele se relaciona com a identidade virginal que se espera de mulheres em troca de respeito, principalmente em contextos religiosos e cristãos. O assunto foi contextualizado pelos relatos de Maria Luísa Belloni e Juliana Benevides e reforçado por falas de Olga Zigelli, Luciana Oliveira e Jussimara Steglich.

O segundo episódio foi focado no arquétipo da Prostituta e em como ele representa a vilanização do prazer e da expressão sexual da mulher. O assunto foi contextualizado pelos relatos de Deise Vieira e Rafaella Riva e reforçado por falas de Olga Zigelli e Luciana Oliveira, além de fontes documentais.

O terceiro episódio foi focado em uma definição saudável de virgindade, que acolha não apenas o momento do rompimento do hímen durante a penetração vaginal, e abordou também a importância da educação sexual na construção de uma relação saudável entre mulheres, seus corpos e sua sexualidade. O assunto foi contextualizado pelos relatos de Andreia Daher e reforçado por falas de Olga Zigelli, Jussimara Steglich e Luiza Deslandes.

Além dos três episódios, há também uma pequena introdução, que serve para contextualizar o programa para o ouvinte. O nome do programa, “Admirável Sexo Novo”, é uma referência ao romance “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, e pretende aludir aos avanços que a luta feminista por igualdade sexual já fez, mas que ainda são insuficientes.

Durante o processo de apuração, lutei com dificuldades por estar produzindo o *podcast* ao mesmo tempo em que cumpria 10 horas de trabalho diárias (quatro horas de estágio obrigatório na Editora Udesc e seis horas de trabalho CLT). Por isso, a apresentação do trabalho foi adiada para que eu pudesse concluir o roteiro e a gravação com a atenção apropriada. Infelizmente, devido ao período de férias da UFSC e ao fato de eu ter me mudado de Florianópolis para Curitiba no fim do semestre letivo, não pude aproveitar o estúdio de Rádio do curso de Jornalismo para a gravação, feita em casa com o cuidado devido para que a perda de qualidade não fosse grande. A edição foi feita pelo programa Adobe Audition.

### 5.3. Custos de produção

RECURSO	FONTE	VALOR	PERÍODO DE USO	TOTAL EM R\$
Aluguel Notebook	Graduanda	Dell G7 15 7588:	Indeterminado	~R\$ 5.000,00

		~R\$ 5.000,00		
Plano de internet	Empresa privada	~R\$ 100,00/mês	5 meses	~R\$ 500,00
Pacote de edição Adobe	Assinatura Mensal	R\$ 90,00 / mês	2 meses	R\$ 180,00
Estrutura para gravação	Graduanda	Microfone Armer ArmCast ~R\$ 200,00	Indeterminado	~R\$ 200,00
Estrutura para gravação	Graduanda	Celular Samsung A51 ~R\$ 2.200,00	Indeterminado	R\$ 2.200,00
Aluguel de estúdio	Universidade Federal de Santa Catarina	-	Indeterminado	-
Decupagem	Graduanda	~R\$ 50,00 (1h/áudio)	2 meses	~R\$ 100,00
Edição	Graduanda	R\$ 197,64 (valor por minuto)	2 meses	R\$ 395,28
Assinatura plataforma de streaming	Graduanda	~R\$ 19,90 / mês	Indeterminado	~R\$ 19,90 / mês
<b>TOTAL:</b>				<b>~R\$ 8.575,00</b>

\*Valores de acordo com a tabela de frilas disponibilizada pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC)

## 6. CONCLUSÃO

Este trabalho, apesar de tirar muitos de seus conceitos teóricos de estudos e análises relativamente antigas (como o complexo Madonna/Prostituta de Freud e a heterossexualidade normativa de Gayle Rubin, ambos nascidos no início e na segunda metade do século XX, respectivamente), eles ainda se aplicam em um contexto social atual. Por mais que avancemos em discussões que põem em xeque a submissão da mulher e que promovem liberdade e igualdade sexual, ainda existem muitos espaços que essa discussão precisa alcançar, como os dominados pela cultura cristã mais tradicional e inflexível, e há muito trabalho a ser feito para que a educação sexual abarque a importância do prazer feminino e a existência do sexo que foge da heteronormatividade.

Como mencionado na própria introdução do programa, o tema sexualidade é complexo e não pode ser esgotado em apenas 50 minutos de reportagem em áudio. Por isso, não pretendo com esse trabalho apresentar soluções definitivas ou abordar todos os ângulos possíveis que a temática possa ter. O objetivo é iniciar uma discussão que pode ter diversas continuações, inclusive sobre maternidade e terceira idade, que faziam parte da ideia inicial para este *podcast*.

## 7. REFERÊNCIAS

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Podcast em educação: um contributo para o estado da arte. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 2007, Coruña. **Livro de actas** [...] Coruña: Universidade da Coruña, 2007. p. 837-846.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.004, de 21 de outubro de 1969**. Código Penal. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1969.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1940.

CARPENTER, Laura M. Gender and the Meaning and Experience of Virginity Loss in the Contemporary United States. **Gender & Society**, 2002, v. 16, n.3, p. 345-365

CARVALHO, Paula Marques de. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2010, Recife. **Anais** [...] Recife, Intercom, set. 2011. p. 1-10.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, JOHN R.; DA ROSA, Francisco Heitor. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2000, v. 13, n. 3, p.485-496.

FREDERICK, David A; JOHN, H Kate St; GARCIA, Justin R; LLOYD, Elisabeth A. Differences in Orgasm Frequency Among Gay, Lesbian, Bisexual, and Heterosexual Men and Women in a U.S. National Sample. **Arch Sex Behav**, jan. 2018, v. 47, n. 1, p. 273-288. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28213723/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GALARCA, Sandro Lauri da Silva. Jornalismo e Educação: interfaces possíveis. **ECCOM**, [s. l.], v. 10, n. 20, jul./dez. 2019, p. 191-203.

GARCIA, Justin R; LLOYD, Elisabeth A; WALLEN Kim; FISHER, Helen E. Variation in orgasm occurrence by sexual orientation in a sample of U.S. singles. **J Sex Med**, nov. 2014, v. 11, n. 11, p. 2645-52. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25131299/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GARCIA, Olga Regina Zigelli. **Orgasmo feminino**: da expressão ao início da compreensão. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Florianópolis, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76903>. Acesso em: 20 jul. 2023.

HERTLER, Steven; PERÑAHERRERA-AGUIRRE, Mateo; FIGUEREDO, Aurelio José. An Evolutionary Explanation of the Madonna-Whore Complex. **Evolutionary Psychological Science**, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40806-023-00364-1>. Acesso em: 20 jul. 2023.

KEMP, Sam. Why was Megan Fox was fired from 'Transformers 3'? **Far Out** [online], London, nov. 2022. Film. Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/why-megan-fox-fired-from-transformers/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

JUSBRASIL. 'Mulher honesta': conheça a origem da expressão. **Jusbrasil**, 15 set. 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/mulher-honesta-conheca-a-origem-da-expressao/383866201>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LEVY, Joanise. Female Gaze e a narrativa cinematográfica. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 12., 2010, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia, Intercom, maio 2010. p. 1-7.

MEGAN FOX ouviu risada em 2009 ao acusar Michael Bay de sexualizá-la aos 15. **UOL** [online], São Paulo, jun. 2020. TV e famosos. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/22/megan-fox-ouviu-risada-em-2009-ao-acusar-michael-bay-de-sexualiza-la-aos-15.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MÖLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A Sexualidade Feminina pela Perspectiva da Gestalt-Terapia: uma Pesquisa Qualitativa-Fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s. l.], v. 17, n. 1, jan./jun. 2011, p. 8-17.

ORÉFICE, Giovana. Marcela Ceribelli: “O podcast é onde o branded content nasceu para acontecer”. **Meio & Mensagem** [online], [s. l.], jun. 2022. Mídia. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/06/21/marcela-ceribelli-o-podcast-e-onde-o-branded-content-nasceu-para-acontecer.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PAIVA, Vera. A psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, out./dez. 2008, p. 641-651.

PEREIRA, Luiza; SANTOS, Luana. A traição das mídias: isto não é uma mulher. **Meu Site** [online], [s. l.], nov. 2021. Disponível em: <https://lmpereiraportfolio.wordpress.com/2022/07/16/reportagem-a-traicao-das-midias-isto-nao-e-uma-mulher%ef%bf%bc/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PLATH, Sylvia. **Diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2017.

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Exame** [online], [s. l.], mar. 2022. Pop. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em: 17 nov. 2022.



RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the political economy of sex. *In*: REITER, Rayna (org.). **Toward an anthropology of women**. New York, Monthly View Press, 1975. Trad. Bras. Jamille Pinheiro Dias. *In*: *Políticas do sexo*, São Paulo, Ubu, 2017).

SULLIVAN, Brynn. Jennifer's Body: a feminist cult classic. **Her Campus** [online], [s. l.], nov. 2022. Entertainment. Disponível em: <https://www.hercampus.com/school/wisconsin/jennifers-body-a-feminist-cult-classic-2/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

THE TAKE. Jennifer's Body and the Horrific Female Gaze. **YouTube**, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7Twg8rG2HI>. Acesso em: 17 nov. 2022.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 3, jul./set. 2008, p. 417-26.

VENÂNCIO, Romero. Hilda Hilst ou por uma poética do desejo. **Errâncias do imaginário...** Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 406-417.

## ANEXO A – FICHA DO TCC

<b>FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2023	
<b>ALUNO (A)</b>	Luiza Marques Pereira	
<b>TÍTULO</b>	Podcast “Olhar feminino”	
<b>ORIENTADOR (A)</b>	Isabel Colucci Coelho	
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input checked="" type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Video	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<b>CATEGORIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Comunicacional
		<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)
		<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)
<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ( )		( x ) Florianópolis ( ) Brasil ( ) SC ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Radiojornalismo; programa em formato podcast, com narração expositiva e entrevistas; sexualidade feminina e psicologia; influências culturais para a percepção social da sexualidade feminina.	
<b>RESUMO</b>	Com o avanço de movimentos como o feminismo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, fica cada vez mais presente a discussão sobre direitos das mulheres, inclusive sobre o próprio corpo, o próprio prazer e a própria sexualidade. No entanto, quando se trata do discurso público fora de ambientes acadêmicos e especializados, nota-se que a maioria dessas discussões se foca em aspectos físicos – de ação – e biológicos da sexualidade, deixando de fora o espectro das Ciências Humanas. Este trabalho, então, propõe essa discussão em formato de um <i>podcast</i> composto de entrevistas com especialistas e com mulheres de vivências variadas, a fim de levar ao público leigo informação sobre a sexualidade da mulher e apresentar relatos diversos que ilustrem conceitos teóricos, de modo a democratizá-los e torná-los acessíveis ao público interessado. Como foco, o programa foi pensado para atender principalmente mulheres acima dos 14 anos, abordando os tópicos de virgindade, o complexo Madonna/Prostituta, construções sociais heteronormativas, entre outros.	

## **ANEXO B – ROTEIRO**

### **Programa: Admirável Sexo Novo - Introdução**

**Aluna:** Luiza Marques Pereira

**Data:** 11/08/2023

**Duração:** 3'06"

### **TEC - BG**

**LOC** - “Quando eu tinha dezenove anos, a pureza era a grande questão. // Em vez de um mundo dividido entre católicos e protestantes, republicanos e democratas, brancos e negros, // ou até mesmo homens e mulheres, // eu via o mundo dividido entre pessoas que tinham dormido com alguém e pessoas que não tinham // e essa parecia ser a única diferença entre elas. //Eu achava que uma mudança espetacular aconteceria na minha vida no momento em que eu cruzasse aquela fronteira”.

### **TEC - SOBE BG**

### **TEC - DESCE BG**

**LOC** - Esta é uma citação de A Redoma de Vidro, romance de Sylvia Plath publicado em **mil novecentos e sessenta e três**, e ela está aqui, abrindo esse programa, porque resume bem o propósito dele.

### **TEC - SOBE BG**

### **TEC - DESCE BG**

**LOC** - Olá! Eu sou a Luiza Pereira e esse aqui é o **Admirável Sexo Novo**, um podcast pensado para discutirmos a sexualidade feminina de uma forma aberta, saudável e segura. // Quantas vezes você já se pegou pensando sobre castidade, assim como a personagem de A Redoma de Vidro? // Para as mulheres, essa sempre foi uma questão um pouco complicada. // Seja lutando para manter um status de pureza ou para se livrar dele, parece que não conseguimos separar a nossa sexualidade dessa questão.

**LOC** - Então é nisso que vamos focar aqui também. // Ao longo de três episódios, vamos explorar tudo e mais um pouco sobre os conceitos de virgindade e de pureza. // De onde eles

vêm, o que eles significaram e significam para mulheres. Vamos ouvir as experiências e as opiniões de algumas delas, e conhecer também o que psicólogas, ginecologistas e sexólogas têm a dizer sobre como ter uma relação saudável com a própria sexualidade.

**LOC** - O primeiro episódio será focado no arquétipo da Madonna, ou seja, na pureza ideal da mulher que resguarda a própria virgindade e é respeitada por isso. // Já o segundo vai ser focado no arquétipo oposto, o da Prostituta: a vilã, que exerce seu desejo e o usa como arma. // Depois de analisados e desconstruídos esses dois arquétipos, o terceiro episódio vai tentar responder a seguinte pergunta: o que é virgindade, afinal?

### **TEC - SOBE BG**

### **TEC - DESCE BG**

**LOC** - Mas, antes de começarmos, alguns recortes importantes: ao longo deste programa, vai ficar claro que sexualidade não pode ser simplificada ou reduzida a apenas uma verdade. Então, meu objetivo aqui não é abordar esse assunto sob todos os ângulos possíveis. // O ponto de vista sobre “feminilidade” presente aqui muito se alinha com o meu próprio e com minhas experiências como uma mulher cisgênero, mas isso não significa que eu queira afastar todos que não caibam nessa mesma caixinha. // Afinal, acredito que abrir espaço para esse tipo de discussão não serve apenas para pessoas como eu, mas sim para todos que se interessem por isso. // Principalmente para os que se sentem presos, de uma forma ou de outra, com relação à própria sexualidade.

### **TEC - SOBE BG**

### **TEC - DESCE BG**

**LOC** - Então não se acanhe, porque o assunto é delicado, mas o objetivo aqui é tratar tudo com leveza e naturalidade. Pega um café e arranja um cantinho confortável. Vamos falar de virgindade?

**Programa: Admirável Sexo Novo – Episódio 1****Aluna:** Luiza Marques Pereira**Data:** 11/08/2023**Duração:** 15'24”**TEC: EFEITO DE FITA CASSETE**

**LOC** - “Tenho consciência demais arraigada em mim para romper com os costumes sem efeitos desastrosos; consigo apenas debruçar-me invejosa na beirada e odiar, odiar, odiar os rapazes que podem esbanjar livremente o apetite sexual, sem receio, permanecendo íntegros, enquanto me arrasto de encontro em encontro ensopada de desejo, sempre insatisfeita. A coisa toda me enjoa”. // Os Diários de Sylvia Plath, página 33

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG****(vinheta - It Feels Like the First Time)**

**LOC** - Olá! Sejam muito bem-vindos ao **Admirável Sexo Novo**, o podcast em que desvendamos pouco a pouco os mitos e as verdades sobre sexualidade feminina - se é que isso realmente existe.

**TEC: SOBE BG****Parte um: a Madonna e a ausência do desejo****TEC: DESCE BG**

**LOC** - Já não é novidade que conversar sobre a sexualidade da mulher é complicado, afinal o tabu que envolve essa temática também não é nada novo. // Mas a dificuldade não vem apenas disso: esse assunto é extremamente complexo, e o que vale como verdade para uma pode não ser tão verdadeiro assim para outra. // Então, para começar essa discussão, eu escolhi um tema com que todos nós temos que lidar e que tem muito peso na nossa relação com nosso corpo: a virgindade. //

**TEC: TROCA BG - SOBE BG****TEC: DESCE BG**

**LOC** - É muito comum pensar na perda da virgindade como o ponto de partida para a vida sexual de alguém, o rompimento definitivo entre a infância e a vida adulta. // Historicamente, ela também sempre foi uma bagagem que as mulheres precisaram carregar. Para os mais tradicionais dos médicos, ela se resume à integridade do hímen, uma membrana que existe dentro do canal vaginal. // Para os mais tradicionais dos religiosos, ela representa o valor de uma mulher decente, “recatada e do lar”. // Para aquele seu colega chato e inconveniente do Ensino Médio, ela te definia como ingênua e “sem sal”.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Como já mencionei, e como esclarece também a socióloga americana Laura M. Carpenter, em seu artigo “Gênero e o Significado e Experiência da Perda de Virgindade”, // essa experiência está muito atrelada ao processo de deixar a infância para trás, // e iniciar a vida adulta. Isso vale tanto para homens quanto para mulheres. Mas, enquanto essa mudança normalmente significa uma celebração para os meninos, a história tende a ser diferente para as meninas.

**LOC** - A definição de virgindade, // ou como estamos acostumados a encará-la, // é algo sobre que as mulheres não possuem muita agência. // É um prêmio que elas concedem ao marido na noite de núpcias, um fardo de que elas precisam se livrar para não serem “caretas”, ou uma dádiva da qual não podem abrir mão para não serem “putas”.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Mas afinal, o que significa “ter agência” sobre algo? Esse termo é muito utilizado dentro das Ciências Sociais para determinar o controle que um sujeito tem sobre seu ambiente e a sua capacidade de agir dentro dele. // Isso se manifesta de diversas formas: em ambição, em obstinação... E, o mais importante para nós aqui, em **desejo**.

**LOC** - A enfermeira Olga Zigelli Garcia, que é doutora em Estudos de Gênero, explica isso usando um exemplo de que todos entendemos: os contos de fadas.

**TEC: RODA ENTREVISTA OLGA 60' 05" - 60' 30"**

**“Nós aprendemos a ser passivas com os contos de fadas. Nos contos de fadas, quem tem agência, quem persegue um objetivo? É a má, é a bruxa, é a madrasta. Não é? Ela quer acabar com a Branca de Neve, ela quer acabar com a Gata Borralheira, então ela persegue, na história toda, aquele objetivo. Só que essa pessoa que tem a agência, como é que ela termina nos contos de fadas? Ela termina bem? Não. Quem termina bem? A passivona, né, aquela que fica esperando o príncipe encantado vir salvá-la.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - E se olharmos além dos contos de fadas, fica muito fácil identificar como essa dicotomia - vilã ativa, mocinha passiva - se entrelaça com a presença ou a falta de desejo sexual. // Em novelas, filmes, séries e livros, não é sempre que encontremos uma personagem principal feminina que expõe a própria sexualidade, o que nos faz atribuir a essas figuras uma virgindade inerente. // Isso tudo é muito bem representado pelo arquétipo da “Madonna”.

**LOC** - O termo “Madonna” - e não, não estou falando da cantora - vem do italiano e significa, literalmente, “Virgem Maria”. // Esse arquétipo, idealizado por Sigmund Freud no início dos anos **mil e novecentos**, representa aquele ideal bem antiquado de mulher, a tal “recatada e do lar”, pura e imaculada. // Em troca disso, ela recebe **respeito**, mas é impedida de expressar ou até de reconhecer a própria sexualidade e os próprios desejos.

**LOC** - Eu comecei esse episódio com um trecho dos Diários de Sylvia Plath em que ela, ainda na década de **cinquenta**, admitia que romper com o arquétipo da Madonna seria sinônimo de abrir mão da própria integridade. // E sim, depois de cerca de **setenta** anos, a realidade das mulheres já mudou bastante... Mas será que mudou o suficiente?

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**TEC: RODA ENTREVISTA MARIA LUÍSA 33' 46" - 34' 37"**

**“E aí uma amizade muito próxima da minha mãe, na época né, e eles frequentavam muito a minha casa, vieram na minha casa. Essa mulher, que é mãe dessa menina, trancou minha mãe no escritório, onde meu pai trabalha, e basicamente falou que eu**

**era uma vagabunda porque, primeiro, eu tinha dançado funk numa festa na frente de um monte de pessoas, e que por eu estar querendo beijar aquele menino, isso me fazia ser uma puta. Minha mãe brigou comigo, mas hoje eu entendo que minha mãe brigou comigo não porque eu fiz alguma coisa errada, mas porque ela estava com muita raiva por causa da mulher, e aí essa foi a maneira que ela acabou querendo me ajudar, não foi a maneira assertiva, mas foi o que ela pode fazer na época.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Essa que vocês acabaram de ouvir é a Maria Luísa Belloni. Ela é jovem, tem apenas 23 anos, e acabou de se formar em Direito. // Essa situação que ela relata aconteceu porque, quando ela era adolescente, dançou funk em uma festa de aniversário. // Algumas meninas que frequentavam o mesmo grupo de jovens que ela contaram isso para as mães, e daí o telefone sem fio não parou mais.

**TEC: RODA ENTREVISTA MARIA LUÍSA 31’ 45” - 32’ 05”**

**“Então, desde criança eu associei sexualidade com uma coisa muito ruim, e que eu só poderia casar virgem. E eu coloquei na minha cabeça que eu tinha que casar virgem, nunca relacionei nada com amor, mas sim com casamento, que era uma coisa permitida somente no casamento.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - E quem nunca, assim como a Maria Luísa, se deparou com essa ideia de que sexo só é permitido depois do casamento? // Para quem acredita no arquétipo da Madonna, a sexualidade da mulher está confinada ao romantismo do primeiro amor e do matrimônio. // Qualquer outra forma de exploração ou conhecimento sexual é eliminada, o que significa que muitas mulheres perdem a oportunidade de conhecerem os próprios corpos em prol da virgindade pura.

**LOC** - A ginecologista e sexóloga Jussimara Steglich comenta, inclusive, que uma das principais fontes de ansiedade que ela ouve de pacientes no consultório vem do medo da dor durante a penetração. // Essa dor pode ter várias causas e depende muito do estado de



excitação em que o corpo se encontra. // É raro, por exemplo, que uma primeira penetração não doa. // Mas, para algumas mulheres, a dor vem do estado psicológico.

**TEC: RODA ENTREVISTA JUSSIMARA - 28'50" - 29'30", 29'35"**

**“Às vezes com os evangélicos, a gente tem uma dificuldade muito grande com a questão porque eles são muito rígidos na questão do casamento, da relação sexual antes. Então muitas vezes eu vejo casais, os dois são da mesma religião, e os dois não têm nenhuma experiência sexual. E aí, o que que acontece, é os que mais têm problema de disfunção sexual, porque não se conhece. E geralmente é a menina que pode ter vaginismo.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Segundo a própria doutora Jussimara, o vaginismo é uma disfunção sexual que gera uma resposta física - a contração vaginal - a um temor internalizado. // Esse tipo de receio pode ter várias origens, afinal, cada um é criado de um jeito e adquire hábitos diferentes. // Mas é importante ressaltar que a falta de educação sexual e a repressão das vontades de jovens meninas impacta sim a sua qualidade de vida.

LOC - A Maria Luísa, por exemplo, apesar de não ter um diagnóstico oficial de vaginismo, sente até hoje os impactos negativos que o tabu sobre sua sexualidade gerou.

**TEC: RODA ENTREVISTA 2 MARIA LUÍSA 0'57" - 1' 30"**

**“O meu lado psicológico influencia muito e acaba gerando uma rigidez que vai me gerando também uma dificuldade ali na hora de ter a penetração. Mas assim, baseando na minha experiência, porque eu namoro há sete anos, esse ano vai fazer sete anos que eu namoro, então eu estou há quase sete anos, ou seis, cinco, tentando ter uma vida sexual saudável, tentando ter uma vida relacionada com sexo e penetração, porém na maioria das vezes elas sempre foram infrutíferas. Nunca tive realmente. Consegui já, uma única vez, mas tanto agora, mas principalmente no passado, não dava. Hoje eu sinto apenas uma ardência, mas não deixa de estar ligado um pouco com o lado psicológico.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Essa repressão que muitas meninas enfrentam pode ser explícita, como o caso da Maria Luísa, mas pode também se manifestar de formas muito mais corriqueiras. // Muitas pacientes da doutora Jussimara começam a receber orientações sobre o próprio corpo apenas nas primeiras visitas à ginecologista - e isso inclui o básico, como acompanhamento de ciclo menstrual. // E Olga Zigelli chega a dar um exemplo ainda mais singelo.

**TEC: RODA ENTREVISTA OLGA 20'30" - 21'10"**

**“O menino, sei lá com que idade, dois ou três anos, pra fazer xixi ele pega no pênis. Então ele tem um contato com a genitália dele dede a mais tenra idade. Nós, o máximo que a gente faz é encostar com papel higiênico, pra fazer higiene e deu, não toca nem pele a pele. Não tem nem contato de mão com a vulva, né. Então a mulher, ela não é estimulada a se tocar, a conhecer seu corpo, e muito menos a se comunicar. A dizer se é bom, do que gosta e do que não gosta.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Bom, até aqui, todas as mulheres com que conversei citaram a religião como uma das principais causas de repressão sexual, mais especificamente as vertentes cristãs. // Mas, também não podemos meter os pés pelas mãos e presumir que toda mulher religiosa sofre com isso. // A Juliana Benevides, por exemplo, tem muito em comum com a Maria Luísa: é jovem, formada em Direito e cresceu indo à igreja e praticando o cristianismo.

LOC - A diferença é que a Juliana decidiu levar sua fé mais ao pé da letra e assumiu um voto de castidade. // Porém, não é por isso que ela se sente à vontade julgando as escolhas de outras mulheres.

**TEC: ENTREVISTA JULIANA 9'28" - 9'34", 8'52" - 8'59", 11'29" - 12'10"**

**“Essa visão de ‘ai pureza, nã nã nã’, Jesus não tinha esse hábito. Maria Madalena, que hoje em dia a gente super ‘ai, Maria Madalena!’, ela era prostituta, pô. Então assim, às vezes as pessoas, elas têm essa visão muito... Mas as pessoas, elas esquecem que Jesus, o próprio Jesus, ele não tinha esse julgamento de realmente apontar o dedo, de valorar as pessoas por isso.”**

LOC - Essa distinção que a Juliana faz entre a própria escolha e a sua capacidade de julgar a escolha de outras mulheres é o que a impede de propagar o arquétipo da Madonna, já que ele dita ser impossível conciliar castidade e qualquer expressão de sexualidade e desejo. // Para ela, distância da educação sexual, que muitas meninas cristãs sentem necessidade de manter, não tem a ver com fé, mas sim com desinformação.

**TEC: ENTREVISTA JULIANA 35'21", 36'15"**

**“Existe uma grande diferença entre castidade e desinformação. Eu sou muito contra a desinformação, Ginecologista não só trata sexo, ela trata ciclo menstrual, ela trata ovário policístico... É tanta coisa que você tem que tratar de doença feminina que é ginecologista que trata, que não tem nada a ver com sexo.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - É importante distinguirmos, então, a escolha pela castidade da identidade de uma pessoa. // O que o arquétipo da Madonna tenta fazer é transformar a virgindade de um momento estático na jornada de uma mulher, // que a leva da infância para a vida adulta, // em uma coisa constante, que a define para além até de suas experiências sexuais. Como diz a psicóloga Luciana Oliveira:

**TEC: ENTREVISTA LUCIANA 17'32"**

**“Ainda que você não seja virgem, manter aquele comportamento, aquela postura, como se isso dissesse mais do que o ato sexual em si, mas todo um comportamento, toda uma identidade, a identidade virgem, a identidade pura, a identidade casta, que não é vulgar.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Mas, e quanto à identidade da vilã? // Falamos bastante sobre a Madonna, ou a mocinha passiva sobre a qual comentei no início do episódio, mas este não foi o único arquétipo que Freud cunhou. // Para se opor à Madonna, existe a Prostituta - a vilã com agência e desejo, mas sem integridade e sem respeito. // No próximo episódio, falaremos dela e de algumas reflexões que ela pode gerar.

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG**

**LOC** - Este programa foi produzido como TCC para o curso de graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina, // no primeiro semestre de 2023.///

**LOC** - Redação e edição por Luiza Pereira. Narração por Luana Santos e Luiza Pereira.///  
Orientação da professora Isabel Colucci Coelho.

**TEC: SOBE MÚSICA E DESCE SUAWE**

**Programa: Admirável Sexo Novo – Episódio 2****Aluna:** Luiza Marques Pereira**Data:** 11/08/2023**Duração:** 15'49”**TEC - BG**

**LOC** - “E eu nunca me reprimi. Agora, eu fui chamada de puta muitas vezes pelas meninas grã-finas. Eu podia ser conceituada como grã-fina também, pela minha classe social, mas minhas amigas me perguntavam: por que você faz sempre a prostituta?”. // Hilda Hilst em entrevista à Folha de São Paulo, em julho de 1999.

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG****(vinheta - let's talk about sex)**

**LOC** - Olá! Sejam muito bem-vindos ao **Admirável Sexo Novo**, o podcast em que desvendamos pouco a pouco os mitos e as verdades sobre sexualidade feminina - se é que isso realmente existe. //

**TEC: SOBE BG****Parte dois: a Puta e a ausência do respeito****TEC: DESCE BG**

**LOC** - Se você não conhece a obra de Hilda Hilst, pode ter se confundido um pouco com o trecho da entrevista que abre esse episódio. // Pode deixar que eu te explico.// Hilda Hilst foi uma escritora brasileira do século **vinte** muito bem-conceituada pela crítica, mas largamente ignorada pelo público. // E ela odiava isso, ser ignorada - ela queria ser lida e estava disposta a fazer o que fosse necessário para isso. // Foi assim que ela deu uma guinada polêmica na carreira: // passou a escrever literatura erótica.

**LOC** - Claro que a crítica se voltou contra ela - foi chamada de bruxa, de louca e de puta sem cerimônias.// Pouco importava que, na mesma época, os estadunidenses Charles Bukowski e Henry Miller fizessem o maior sucesso com o mesmo tipo de literatura. // O que importava

era que uma mulher, ainda mais uma que **poderia ser** “grã-fina”, estava se sujeitando a obscenidades em nome do sucesso.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - No primeiro episódio desse programa, apresentei o arquétipo da Madonna, criado por Sigmund Freud para representar a mulher eternamente virgem, que abre mão do próprio desejo em prol de manter a **identidade feminina** ideal, pura e imaculada. // Pois bem, Hilda Hilst nunca poderia ser uma Madonna. Na verdade, o psicanalista a enquadraria no oposto: o arquétipo da **Prostituta**, // que existe tanto para ser objeto de desejo sexual quanto para exercê-lo.

**LOC** - Como o próprio nome já sugere, a Prostituta não é uma “mulher de respeito”. Afinal, como também já vimos por aqui, quem sempre tem a permissão para seduzir, para dar voz aos seus desejos é a vilã, não a mocinha. // Essa dicotomia separa a feminilidade em duas categorias que não podem se sobrepor. Uma mulher respeitada não é necessariamente desprovida de sexualidade, mas ela não a reconhece ativamente, ou seja, não pode nunca ser **quem deseja**. // Enquanto isso, a mulher desejosa pode ter consciência e confiança sobre seu corpo e sua sexualidade, mas abre mão de sua integridade moral e da sua capacidade de ser respeitada.

**TEC: SOBE BG “AS LOUCAS” DE RITA LEE**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Já que, novamente, vamos partir a nossa discussão desses conceitos freudianos, acho bom destacar alguns pontos. // Freud, quando elaborou o complexo Madonna/Prostituta, o fez com base na sua análise comportamental de **homens**, e principalmente os **heterossexuais**. // Ele notou que, frequentemente, homens casados paravam de sentir atração sexual por suas esposas, que se tornavam donas de casa e mães, e passavam a desejar apenas outras mulheres: as que tinham liberdade para usar roupas provocantes e frequentar bares e baladas em uma sexta à noite, por exemplo. Como Freud mesmo explicaria. Abre aspas:

**TEC: SOBE EFEITO DE FITA CASSETE**

**LOC** - “Enquanto tais homens amam, eles não têm desejo, e quando desejam, eles não podem amar.”

**TEC: SOBE EFEITO DE FITA CASSETE**

**LOC** - Trocando por miúdos: é a clássica história da “mulher para casar e da mulher para ficar”. // Percebam: apesar de a análise ter partido do **comportamento masculino**, foi o comportamento feminino que Freud decidiu categorizar e limitar a dois arquétipos reducionistas.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - E esse tipo de responsabilização da mulher não é exclusivo de Freud não. // Um exemplo foi Código Penal brasileiro de **mil novecentos e quarenta**, que condicionava a punição de crimes sexuais àqueles cometidos apenas contra **abre aspas** mulheres honestas **fecha aspas**. // O termo, que teve variações na legislação brasileira desde as Ordenações Filipinas, se referia a mulheres bem do tipo Madonna, que seguiam um regimento moral rígido e desprovido de demonstrações abertas de sexualidade. // Ou seja, se uma mulher fizesse uma denúncia de assédio sexual ou estupro, ela só seria levada a sério se obedecesse esse regimento, e isso era lei.

**LOC** - A expressão “mulher honesta” só foi anulada em **dois mil e nove**. // Até então, de uma forma ou de outra, ela assombrava a proteção que o Estado deve dar às mulheres contra crimes sexuais. // Nelson Hungria, que presidiu a Comissão Revisora do Anteprojeto do Código Penal de **mil novecentos e sessenta e nove**, explicava o termo da seguinte forma:

**TEC: SOBE EFEITO DE FITA CASSETE**

**LOC** - “como tal se entende, não somente aquela cuja conduta, sob o ponto de vista da moral sexual, é irrepreensível, senão também aquela que ainda não rompeu com o *minimum* de decência exigida pelos bons costumes. Só deixa de ser honesta (sob o prisma jurídico-penal) a mulher francamente desregrada, aquela que inescrupulosamente ainda não tenha descido à condição de autêntica **prostituta**. Desonesta é a mulher fácil, que se entrega a uns e outros, por interesse ou mera depravação.”

**TEC: SOBE EFEITO DE FITA CASSETE**

**LOC** - Bom, por aqui podemos voltar para o nosso ponto inicial: o conceito de virgindade. // Como a observação de Laura M. Carpenter, que apresentei no primeiro episódio, já demonstrou, a perda da virgindade de uma menina representa não apenas uma primeira experiência sexual ou o rompimento do hímen. // Representa também uma mudança significativa de paradigma comportamental e identitário, já que marca a saída da infância e o ingresso na vida adulta.

**LOC** - Juntando essa percepção com o complexo Madonna/Prostituta, não fica difícil presumir que a virgindade, para além do ato sexual em si, compõe também uma **identidade** em que a mulher se encaixa ou não. // E caber em uma dessas duas caixinhas sem tirar nem pôr não é tarefa fácil. // Afinal, seres humanos são complexos e não podem ser definidos por apenas uma ou duas características.

**LOC** - A Deise Vieira é mãe há **vinte e cinco** anos e está solteira há **sete**. Para ela, que já esteve tanto em relacionamentos longos quanto casuais, conciliar os papéis de “boa mãe” e “boa parceira” não foi simples.

**TEC: ENTREVISTA DEISE 6’30” - 6’50”**

**“Eu sempre me dedicava aos parceiros, mas sempre com esse peso da maternidade por trás, né. Sempre, será que eu estou sendo uma boa mãe, será que eu tô fazendo meu papel correto, será que tô deixando algo a desejar.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Freud, ao focar sua atenção principalmente nas angústias masculinas, deixou de lado aspectos importantes sobre os desejos da mulher, principalmente a que acabou de virar mãe. // Existem muitos motivos para que a maternidade e uma sexualidade super ativa não combinem muito, principalmente durante os primeiros ano de vida do bebê. // Quando um corpo passa por uma gestação, ele sofre diversas variações hormonais e estruturais que afetam a libido. // Não é de se espantar, então, que sexo deixe de ser recorrente, como explica a enfermeira Olga Zigelli.

**TEC: ENTREVISTA OLGA 61’30” - 61’50”**



**“A prolactina, ela aumenta a excreção láctea, ela aumenta a produção do leite, mas, ao mesmo tempo, ela dá ressecamento vaginal, não consegue ter uma lubrificação, e ela diminui drasticamente a libido. É como se a natureza dissesse assim “bom, tu parisse, agora tu não pode querer sexo. Tem que alimentar tua cria. “**

LOC - Além disso, tem o cansaço extremo que vem com a dedicação constante à criança, inseguranças que podem acompanhar as mudanças físicas que ocorreram para acomodar a gestação, e muitas outras coisas. // A Deise também sentiu esses impactos enquanto era casada e quando seu filho, Vinícius, era pequeno.

**TEC: ENTREVISTA DEISE 3’15” - 4’00”**

**“Então, e sentia um certo desconforto por sentir que talvez eu estivesse deixando de lado meu papel de esposa. O papel de companheira para dar atenção, na questão sexual, ao meu marido. Então isso gerava, de certa forma, quase que uma melancolia, porque eu não tava mais me achando mulher suficiente pro meu companheiro, porque pesava a questão da amamentação, pesava a questão do corpo ter modificado, e essa questão do cuidado com a criança, isso tudo pesou, gerava de certa forma essa melancolia.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG E FADEOUT - FADEIN NOVA MÚSICA COMO BG**

LOC - E se existe angústia na falta de libido por conta desse medo de não desempenhar o papel de “boa esposa”, / existe angústia também quando a mulher deseja ter uma sexualidade ativa, mas é impedida. // A psicóloga Luciana Oliveira explica que, já que a sexualidade é parte essencial da identidade de qualquer pessoa, // restringi-la causa, sim, sofrimento.

**TEC: ENTREVISTA LUCIANA 21’27” - 22’27”**

**“Até se a gente pensar na sexualidade como parte da sua identidade, não poder ter acesso a ela é prejudicial da mesma forma que não poder ter acesso, por exemplo, à sua origem, sabe, aos seus direitos, eu vejo assim, como uma liberdade quanto a direitos que precisa ser preservada. Porque se não é um sofrimento constante, desejar uma coisa, mas o que eu posso, o que é permitido é outra. Então esse poder se expressar, poder sentir, poder descobrir, com certeza afeta a saúde mental se você não puder, se estiver sendo impedida disso.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Direito à liberdade sexual é um tópico importante dentro dos estudos de gênero. // A antropóloga estadunidense Gayle Rubin uma das precursoras de pesquisas sobre sexualidade. // Nos anos **setenta**, ao abordar por meio de quais relações políticas e sociais as mulheres passam a ser oprimidas, ela cunhou a ideia de “**heterossexualidade compulsória**”. // A partir disso ela determinou que a sexualidade **entre aspas aceitável** é aquela ditada pela heteronormatividade - assim como Freud, querendo ou não, sugeriu ao ditar o comportamento feminino a partir de desejos masculinos. // Isso significa que para as mulheres, sobra o direito a uma sexualidade subjugada.

**LOC** - E, claro, aqui ainda estamos falando de mulheres heterossexuais. // O trabalho de Gayle Rubin também é muito importante para a teoria queer, então, por óbvio, ela não deixou de fora a comunidade **LGBTQIA +**. // E, apesar de tanto a Madonna quanto a Prostituta terem nascido da análise de um núcleo heterossexual, não é difícil imaginar em qual arquétipo mulheres bissexuais ou lésbicas cairiam.

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG**

**LOC** - A Rafaella Riva tem 23 anos de idade e passou a se identificar como lésbica ainda na adolescência. // Antes disso, ela até chegou a namorar alguns meninos, mas não chegou a ter relações sexuais com nenhum. E, segundo ela, não é nada incomum que pessoas presumam que isso significa que ela nem chegou a perder a virgindade ainda.

**TEC: ENTREVISTA RAFAELLA 1’59” - 2’18”**

**“Já ouvi dizer que ah, porque eu não transei com um cara então nem é sexo, ou que tipo, ah, que ainda sou virgem porque eu nunca transei com um cara, coisas assim. Já, aham, que só é válido se tem homem no meio, né, porque sempre tem que ter a validação masculina pra alguma coisa ter o seu valor .”**

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG**

**LOC** - Como a Rafaella apontou, por mais subjugada que seja a sexualidade de uma mulher heterossexual, o fato de um homem estar inerentemente presente nesse tipo de discussão faz com que essa sexualidade seja reconhecida, para bem ou para mal. // A liberdade sexual de mulheres queer passa não apenas por restrições, mas por apagamento. E ela percebe isso tanto na falta de consideração que recebe quanto na falta de informação e educação sexual voltadas para o público lésbico.

**TEC: ENTREVISTA RAFAELLA 11'05" -11'25"**

**“Porque também se fala muito sobre uma construção de sexo absolutamente heteronormativa, sabe. No máximo tendendo um pouco pro público gay. Mas, por exemplo, não se fala sobre o sexo entre mulheres, não se fala de maneiras de proteção de sexo entre mulheres. Inclusive, é um local que é mal-desenvolvido, tipo, existe muita proteção real pra sexo entre mulheres.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Esse apagamento diz respeito, também, à falta de atenção que o prazer feminino recebe sob a ótica heteronormativa. // Uma pesquisa realizada em 2014 pelo Instituto Kinsey e publicada no **Journal of Sex Medicine**, entrevistou cerca de **mil trezentos e cinquenta** mulheres. // Quando perguntadas se chegavam ao orgasmo com frequência, **sessenta por cento** das heterossexuais responderam afirmativamente, enquanto a mesma resposta foi dada por quase **setenta e cinco por cento** das mulheres homossexuais entrevistadas.

**LOC** - Outra pesquisa, esta publicada na revista **Archives of Sexual Behavior** em **dois mil e dezoito**, determinou que mulheres heterossexuais atingem o orgasmo **sessenta e cinco por cento** das vezes que têm relações com parceiros, enquanto a estimativa é de **oitenta e seis por cento** para mulheres lésbicas e **noventa e cinco por cento** para homens heterossexuais.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Mas bem, será que existe saída para todas essas encruzilhadas? // Nós já falamos sobre o complexo de Madonna/Prostituta de Freud e sobre como ele pode se refletir em diversos comportamentos que são esperados de mulheres, mas que são prejudiciais à

expressão de seus verdadeiros desejos e até à sua saúde. // Qual a forma saudável de encararmos a sexualidade feminina e qual o verdadeiro papel que a virgindade desempenha nisso tudo? O terceiro e último episódio desta série vai tentar explorar um pouco essas questões.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Este programa foi produzido como TCC para o curso de graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina, // no primeiro semestre de 2023.///

**LOC** - Redação e edição por Luiza Pereira. Narração por Luana Santos e Luiza Pereira. ///  
Orientação da professora Isabel Colucci Coelho.

**TEC : SOBE MÚSICA E DESCE SUAVE**

**Programa: Admirável Sexo Novo – Episódio 3****Aluna:** Luiza Marques Pereira**Data:** 11/08/2023**Duração:** 16'04”**TEC - BG**

**LOC** - “O sexo, que supomos ser o mais privado dos atos, é na verdade algo público. Os papéis que desempenhamos, as emoções que sentimos, quem dá, quem tira quem exige, quem serve, **quem deseja, quem é desejado**, quem se beneficia, quem sofre: todas essas regras foram estabelecidas muito antes de entrarmos no mundo.” - Amia Srinivasan em ‘O Direito ao Sexo: feminismo no século **vinte e um**’, página 12.

**TEC: SOBE BG****TEC: DESCE BG****(vinheta - let's talk about sex)**

**LOC** - Olá! Sejam muito bem-vindos ao último episódio de **Admirável Sexo Novo**, o podcast em que desvendamos pouco a pouco os mitos e as verdades sobre sexualidade feminina - se é que isso realmente existe. //

**TEC: SOBE BG****Parte três: o que é virgindade, afinal?****TEC: DESCE BG**

**LOC** - Até aqui, já discutimos conceitos freudianos, religião, estudos de gênero e até um pouquinho de medicina. // Mas, não chegamos a abordar a questão principal que propus lá no começo, pelo menos não completamente. // Afinal, o que significa virgindade? Bom, acontece que essa pergunta pode ser mais difícil de responder do que você imagina.

**LOC** - Pode parecer meio esquisito falar isso. // O que se aprende na escola é que a virgindade significa a falta de experiências sexuais e, especificamente para quem tem vulva, está atrelada à integridade do hímen. // Mas, no episódio anterior mesmo, demonstrei algumas formas como o **conceito de virgindade** vai além disso, já que imprime a marca da pureza -

ou da falta dela - em comportamentos e identidades, e já que também pode ser completamente descartado se não estiver incluso em um contexto heteronormativo.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Um dos principais pontos a se pôr em xeque é justamente relacionado a esse segundo tópico: // tradicionalmente, a virgindade é associada não a qualquer ato sexual, mas à penetração, o que pressupõe a necessidade do pênis para que a sua “perda” seja efetiva. // Porém, não é toda mulher que terá sua primeira vez com um homem, ou que manterá quaisquer tipo de relações sexuais com o sexo oposto. Até mulheres heterossexuais podem ter uma vida sexual bem ativa, mas que não envolve penetração.

**LOC** - E insistir nesse falocentrismo acaba impactando a sexualidade da mulher como um todo, não apenas no que se refere a primeiras vezes. // Duas mulheres que eu já apresentei aqui, a Maria Luísa Belloni e a Rafaella Riva, servem bem de exemplo disso. // Se vocês lembrarem lá do primeiro episódio, a Maria Luísa comentou que uma das ansiedades que ela enfrenta na vida sexual continua sendo dor durante a penetração, mesmo que ela já tenha passado pela primeira vez. // E, no episódio passado, a Rafaella, que é uma mulher lésbica, dividiu que ouve constantemente de terceiros que sua vida sexual nem chega a ser real porque não envolve um homem.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Então, já que a noção tradicional de virgindade acaba sendo tão reducionista, qual seria uma definição melhor? // Bom, se existem vários tipos de sexo além da penetração vaginal - preliminares, sexo oral, sexo solo, entre muitos outros -, dá para imaginar que uma pessoa possa ter várias “primeiras vezes”. // E, se a virgindade realmente estivesse indiscutivelmente atrelada ao hímen, daria para imaginar que uma mulher poderia perdê-la não só para um homem, mas também para outros objetos.

**LOC** - A psicóloga Luiza Deslandes, que se especializa em sexualidade, considera essas questões para tentar encontrar uma definição mais universal de virgindade.

**TEC: RODA ENTREVISTA LUIZA 23'25"- 24'10"**

**“Eu tive muitos amiguinhos que falaram ‘não posso por um OB porque eu vou perder minha virgindade. Tem, tem uma chance de romper o hímen, mas isso é virgindade? Né, então a mesma coisa com o sex toy. Então, se eu chegar no orgasmo sem a penetração com o sex toy, eu não estou tendo uma experiência sexual? Eu acho que o sex toy ainda entra em outro ponto de entender se a masturbação entraria ou não, né, é uma experiência sexual, mas entraria ou não em uma virgindade. Né, se a gente estiver pegando por primeiras vezes, a gente tem muitas primeiras virgindades aí pra perder. Se a gente estiver pensando em uma troca com outro, aí o sex toy talvez já não entre. Então eu acho que é isso, é entender o que que é pra cada pessoa. Um aopinião pessoal seria que é uma experiência sexual, mas como eu entendo como uma relação entre pessoas e uma troca, pra mim não seria. Eu acho que é muito nebuloso essa área.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: TROCA BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - A citação que coloquei ali na abertura do episódio, presente no prólogo do livro “O Direito ao Sexo”, da filósofa Amia Srinivasan, foi escolhida porque ela explica uma coisa importante: por mais privado que o ato sexual possa ser, discussões e julgamentos sobre sexualidade nunca serão. // Afinal, esse assunto diz respeito a muito mais do que apenas o sexo em si, como coloca a sexóloga Jussimara Steglich.

**TEC: RODA ENTREVISTA JUSSIMARA 44'15"- 44'48"**

**“A sexualidade é uma coisa multifatorial. Ela depende de fatores biológicos, que são os hormônios, que é a saúde da mulher, tanto adolescente quanto quando mais velha, envolve questões psicológicas, que é a ansiedade, a depressão, questões sócio-culturais, família e religião, e envolve o parceiro também.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Já que essa característica multifatorial da sexualidade faz com que ela ocupe tantos aspectos das nossas vidas, faz sentido que o seu policiamento excessivo - esse que a gente vem destrinchando ao longo desta série - cause sofrimento, bem como a psicóloga Luciana

Oliveira apontou no episódio passado. // A educação sexual é uma ferramenta indispensável para que mulheres tenham uma relação saudável com a própria sexualidade - desde que empregada da maneira correta.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - A pesquisadora Olga Zigelli se formou em enfermagem pela UFSC ainda no início dos anos **oitenta**. // Nessa época, ela ainda não tinha se interessado pelos estudos de gênero, / que viriam a ser seu foco tanto no mestrado quanto no doutorado, / mas isso começou a mudar quando passou a trabalhar em hospitais e atender pacientes. // Ela começou a perceber que muitas mulheres que atendia tinham dúvidas e anseios relacionados à sexualidade, / chegando ao ponto de muitas delas demonstrarem aversão a sexo e intimidade justamente por não entenderem muito bem como o próprio corpo e o próprio prazer funcionavam.

**TEC: RODA ENTREVISTA OLGA 3'38"- 4'14", 4'27" - 4'58"**

**“Ao fim da consulta, elas diziam assim ‘não dá pra vocês darem um atestado dizendo que eu tenho que ficar uma semana sem sexo , porque daí eu posso me livrar’. Isso começou a me incomodar porque, na minha formação como enfermeira, eu não tive nenhum aporte pra ajudar essas mulheres nessas dúvidas. Falta de orgasmo, falta de libido, falta de desejo, muito menos ainda nas questões de gênero, né, que elas traziam nas suas falas. Daí eu achei que isso era uma lacuna muito grande na assistência e cuidado da enfermagem, porque se a gente constava uma necessidade de saúde, no caso saúde sexual, e a gente não sabe trabalhar com isso, a gente não está dando uma assistência completa. E daí então, quando fui fazer o mestrado, eu resolvi estudar isso. Eu disse ‘nao, se tem essa lacuna, então eu vou tentar preencher’.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - A partir daí, a enfermeira desenvolveu a pesquisa “Orgasmo feminino: da expressão ao início da compreensão”, em **mil novecentos e noventa e um**, cujo objetivo principal era categorizar e definir padrões para o orgasmo feminino, assim como já existiam para o masculino. // Porém, os resultados mostraram que, geralmente, o prazer é algo extremamente individual para cada mulher, não segue um comportamento pré-definido.



**LOC** - Isso esclarece, pelo menos em parte, porque a educação sexual voltada para a mulher é meio nebulosa. // Não basta abordar o básico, como ciclo menstrual, ovulação e as mecânicas do ato sexual, pois dessa forma as particularidades que envolvem o prazer feminino são ignoradas, já que ele não pode ser entendido como uma consequência direta do sexo.

**LOC** - De lá para cá, a Olga passou a atender mulheres com mais propriedade para falar dessas particularidades. // A ginecologista Jussimara Steglich procura fazer o mesmo quando recebe jovens pacientes no consultório, mas ela reconhece que essa não é uma prática universal.

**TEC: RODA ENTREVISTA JUSSIMARA 42'07"- 42'44"**

**“Principalmente nós que somos ginecologistas e sexólogos, a gente faz uma consulta direcionada para tudo isso, sabe. Porque às vezes se vai num ginecologista que não tem uma vivência sobre ou nunca estudou, ah ele só pergunta lá ‘como é teu ciclo, quantos dias tu fica menstruada?’. Aí passa a pílula anticoncepcional e manda embora. Aí sai mais perdida do que chegou, né.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Ou seja, mesmo que mais de **trinta** anos tenham se passado desde a pesquisa de Olga, muitas vezes a atenção a essas questões ainda tem que depender da iniciativa do profissional. // E, como a própria Jussimara também comentou, isso pode ser prejudicial porque as mesmas dúvidas que a Olga encontrava nos anos **oitenta** ainda existem hoje em dia, principalmente entre adolescentes e jovens adultas.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Esse tipo de orientação e atendimento que a Olga e a Jussimara proporcionam é importante especialmente se considerarmos que, sem eles, meninas e mulheres não têm apoio para enfrentar todas as regras e expectativas que cercam sua sexualidade. // E quando o

assunto é virgindade, a educação sexual toma um papel ainda maior. // A doutora Jussimara explica que a falta de conhecimento ligada à noção de pecado que muitas meninas atribuem ao sexo pode atrapalhar e muito, mesmo que elas estejam tendo o primeiro contato sexual com um parceiro de longa data.

**TEC: RODA ENTREVISTA JUSSIMARA 29'38"- 30'02"**

**“Então ela acaba, como ela sabe que aquilo é pecado, que é proibido, que ela não deve fazer, aquilo lá já tá lá no cérebro dela guardado. Quando ela vai lá com o parceiro dela, mesmo que estão casados, é difícil ela se livrar daquele preconceito que tá pré - pré-conceito que ela tinha. Ela não vai tirar no primeiro dia que ela vai tá com ele na cama.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - Um outro exemplo de como a falta de orientação sexual prejudica a mulher é o que ficou popularmente conhecido como **hook-up culture**. // O termo “hook-up”, em inglês, significa ficar com alguém sem compromisso, o que faz parte da experiência sexual de muita gente hoje em dia, mas é diferente da dita cultura do hook-up. // Ela funciona mais como uma resposta ao tradicionalismo do qual o arquétipo da Madonna, por exemplo, faz parte; // e existe mais como um estilo de vida que nega o valor intrínseco da pureza e da virgindade. // Em teoria, isso é uma coisa boa. Afinal, não estamos aqui discutindo justamente como a falta de liberdade sexual é nociva?

**LOC** - Bom, aí que entram as tais individualidades de que falei há pouco. // Para muitas mulheres, assim como para muitos homens, expressar liberdade sexual por meio de diversos parceiros é natural, /e faz sentido porque vai de acordo com seus desejos genuínos. // Cair na armadilha de vilanizar essa escolha é voltar para as garras do arquétipo da Prostituta e da Mulher Honesta. // Porém, ter a impressão de que esse é o único jeito de rejeitar a ideia da Madonna também pode ser prejudicial.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG<sup>6</sup>**

**TEC: RODA ENTREVISTA ANDREIA 18'57"- 19'41"**

**“O que demorou mais pra aprender não foi o negócio do sexo em si, foi também, mas o principal foi ser seletiva com quem eu escolho me relacionar. Isso foi demais. Não do tipo ‘ah, tem que ser com o amor da sua vida, tem que ser com seu namorado’, não, pessoas que tenham cuidado, se importam mesmo. Se importam com o seu prazer. Que tem gente que não se importa com seu prazer, e eu vivi isso nas minhas primeiras experiências e era muito doloroso. Não porque eu tava apaixonada, mas porque, cara, não tem carinho, não tem cuidado.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Essa aí que vocês ouviram agora é a Andreia Daher. // Ela tem **vinte e cinco** anos e é formada em Cinema. // Apesar de considerar que teve sua primeira vez relativamente tarde, aos **dezenove**, ela logo assumiu uma vida sexual bastante ativa. // No entanto, conforme o tempo foi passando, ela foi percebendo que isso estava, na verdade, estragando sua relação com sexo e prazer.

**TEC: RODA ENTREVISTA ANDREIA 22'28'- 22'58”**

**“Tem toda uma questão psicológica e eu percebia que quando eu tava nessa *hookup culture*, quando eu tava inserida, eu me tornei uma pessoa muito mais vazia mentalmente. Eu tava muito... eu não conseguia me conectar com a pessoa, porque a pessoa não se importava comigo, então o sexo não era bom, eu me sentia mais deprimida cada vez que eu transava. Aí foi só quando eu fiquei mais seletiva que minha energia mudou completamente.”**

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

LOC - Qual o caminho, então, para uma relação saudável com a sexualidade? // Bom, como eu comentei ainda lá na introdução dessa série, não foi possível esgotar o debate sobre esse tema; / existem ainda muitas outras discussões que se podem e devem ter a respeito. // Então, também não posso dizer que tenha uma resposta definitiva a essa pergunta, assim como não chegamos a nenhuma conclusão absoluta sobre o significado de virgindade. // Mas, tem algumas lições que podemos tirar.

**LOC** - Reprimir e regradar a sexualidade de alguém nunca é uma boa ideia, pois isso traz angústia e sofrimento. // Ter dúvidas sobre o próprio corpo e sobre a própria identidade é normal, mas todos deveriam ter acesso à informação e à orientação capazes de sanar essas dúvidas. // E é imprescindível que defendamos o direito de as mulheres sentirem desejo e prazer, e de terem agência para decidir como expressar e com quem compartilhar isso.

**TEC: SOBE BG**

**TEC: DESCE BG**

**LOC** - E assim termina o **Admirável Sexo Novo**. Muito obrigada a você que me acompanhou ao longo destes três episódios. // Este programa foi produzido como TCC para o curso de graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina, // no primeiro semestre de 2023.///

**LOC** - As trilhas sonoras desse programa foram retiradas ...

**LOC** - Redação, edição e apresentação por Luiza Pereira./// Orientação da professora Isabel Colucci Coelho.

**TEC : SOBE MÚSICA E DESCE SUAVE**

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, **Luiza Marques Pereira**, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula **18201078**, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Podcast “Admirável Sexo Novo”**, com foco na sexualidade feminina é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 11 de agosto de 2023

---

Assinatura